

**PAULO JORGE DE JESUS CURTO**

***“APEGO À FAMÍLIA, GRUPO DE PARES E CONDUTAS  
ANTI-SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA”***

*Um estudo exploratório realizado na Escola Secundária António Nobre em  
V.N.GAIA*

Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa, elaborada de acordo com as “Normas Específicas de Estágio e Monografia”, no âmbito da Licenciatura em Psicologia Social e do Trabalho, sob orientação do Professor Dr. José Soares Martins.

**Fevereiro de 2000**

SEGUNDA PARTE

### III – ESTUDO EMPÍRICO

#### 1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

##### 1.1. Justificação do Estudo

Após uma revisão da literatura sobre a temática da delinquência juvenil verificámos que vários factores estão subjacentes à sua manifestação. Assim, parece evidente a existência de uma relação entre os grupos primários, a família e o grupo de pares, enquanto agentes de socialização, e a génese do comportamento desviante. Esta relação directa entre o ambiente familiar, grupo de pares (desviados) e delinquência é testemunhada não só pelos modelos teóricos atrás analisados, mas também comprovada pelas inúmeras investigações empíricas sobre esta problemática.

Assim, em função das conclusões dos estudos sobre esta matéria assumimos que a influência da família no comportamento desviante do adolescente é produzida através das interações afectivas e disciplinares entre pais e filhos. Sendo que o impacto vai ser reflectido, no adolescente, em termos de desenvolvimento social e cognitivo bem como na escolha do tipo de pares com quem ele se vai relacionar.

Segundo a Teoria do Controlo Social de Hirschi (1969), o apego às pessoas significativas do meio está relacionado com as condutas convencionais, enquanto que a ausência de apego à família e pares convencionais está relacionado com a delinquência. Por outro lado, a Teoria da Associação Diferencial de Sutherland (1939), pressupõe que a delinquência juvenil deriva da socialização numa subcultura desviante, pelo que a associação a pares desviados está relacionado com as condutas anti-sociais do adolescente. Daqui resulta que a exposição a modelos que reforcem positivamente o comportamento anti-social, por exemplo, no grupo de

pares, influencia a delinquência individual, fazendo com que o indivíduo adopte modos de conduta desviante (Akers *et al.*, 1979; Bandura, 1971; Bandura & Walters, 1963).

Partindo dos resultados empíricos e dos modelos teóricos analisados, considerámos como variáveis para o nosso estudo o apego à família e o grupo de pares, supondo-se que estas variáveis irão explicar o comportamento desviante dos adolescentes observados na amostra. No entanto, os estudos empíricos atribuem um maior poder explicativo da delinquência individual à associação a pares desviados, pelo que se espera desta variável resultados mais consistentes sobre a delinquência relativamente ao apego aos pais.

## **1.2. Objectivos**

No seguimento do ponto anterior, apresentamos os 5 grandes objectivos deste estudo empírico, a saber:

1. Analisar a correlação que existe entre a variável vinculação aos pais e as condutas anti-sociais na adolescência.
2. Analisar a correlação entre o grau de sociabilidade, com o grupo de pares, e as condutas anti-sociais na mesma população.
3. Analisar a correlação entre a variável antinormatividade grupal e as condutas anti-sociais nos adolescentes.
4. Verificar se existem diferenças significativas quanto ao género, idade e nível sócio-económico relativamente às condutas anti-sociais.
5. Analisar as variáveis independentes que melhor explicam/predizem as condutas anti-sociais.

### 1.3. Hipóteses

As hipóteses gerais de partida deste estudo consistem na previsão da existência de uma correlação significativa e negativa entre a vinculação aos pais e a delinquência juvenil, e da existência de uma correlação significativa e positiva entre a antinormatividade grupal e a delinquência individual. Prevê-se ainda que estas correlações variem em função do género.

Deste modo, de acordo com a revisão teórica efectuada, as hipóteses são as seguintes:

#### A. Hipóteses relativas à Classe Social:

1. Espera-se encontrar diferenças significativas entre classes sociais quanto ao apego aos pais;
2. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à socialização com o grupo de pares;
3. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à associação a pares desviados, e;
4. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à frequência das condutas anti-sociais nos adolescente.

#### B. Hipótese relativas à Idade:

Espera-se que consoante a idade aumente (15 aos 18 anos),

1. O apego aos pais aumente, com diferenças significativas entre grupos;
2. A socialização com o grupo de pares diminua, com diferenças significativas entre grupos;
3. A associação a pares desviados aumente, com diferenças significativas entre grupos, e;

4. A frequência da actividade delinvente aumente, com diferenças significativas entre grupos.

C. Hipóteses relativas ao apego aos pais:

1. Espera-se que quanto mais elevada for a vinculação do adolescente aos pais,
  - 1.1. Maior a satisfação do adolescente nas relações com os pares, logo maior probabilidade de pontuar alto na sociabilidade com os pares;
  - 1.2. Menor a probabilidade de se associar a pares desviados, pontuando baixo na antinormatividade grupal, e;
  - 1.3. Menor será a probabilidade do adolescente se envolver em condutas anti-sociais, logo pontuará baixo no questionário das condutas anti-sociais;
2. Espera-se que o apego aos pais seja preditor das condutas anti-sociais dos adolescentes.

D. Hipótese relativas à relação com os pares:

1. Espera-se que quanto maior for o grau de sociabilidade com os pares menor será a probabilidade do envolvimento em condutas anti-sociais;
2. Quanto maior a associação a pares desviados maior a probabilidade do adolescente realizar condutas anti-sociais, e por fim;
3. Espera-se que a associação a pares desviados seja o maior preditor na explicação das condutas anti-sociais do adolescente.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Desenho Empírico**

A presente investigação resulta de um estudo transversal cuja recolha dos dados foi efectuada através de questionário. Como anteriormente referimos, são bastante conhecidas as vantagens dos estudos por questionário como método de avaliação do comportamento, pois permitem-nos, entre outras, recolher a informação em quantidade e qualidade num menor espaço de tempo, em relação a outras técnicas, e quantificar variáveis e formar grupos homogéneos (Fleming, 1997; Mirón, 1990). A informação recolhida foi tratada estatisticamente recorrendo a uma análise descritiva e diferencial das variáveis, tratando-se de um estudo essencialmente de carácter correlacional.

### **2.2. Instrumentos de medida das variáveis**

Para o nosso estudo considerámos as condutas anti-sociais como variável dependente. Trata-se de um questionário que nos informa sobre o comportamento dos adolescentes quando confrontado com as normas e leis sociais, sendo um instrumento elaborado por Mirón (1990).

Quanto às variáveis independentes do estudo considerámos o apego aos pais, a socialização com os pares e antinormatividade grupal. Os instrumentos de medida utilizados foram respectivamente, o Inventário de Apego aos Pais de Armsdem & Greenberg (1987), a Escala de Sociabilidade e da Antinormatividade Grupal, ambas da autoria de Serrano *et al.* (1994).

### 2.2.1. Questionário das Condutas Anti-Sociais

Este questionário foi construído por Mirón (1990) e testado numa amostra da população espanhola demonstrando uma consistência dos itens (alfa de Cronbach) de .98. Trata-se de um questionário constituído por 82 itens, dos quais se deduzem 5 agrupamentos de condutas delinquentes, sendo as seguintes:

1. Conduta contra normas (13 itens)
2. Vandalismo (15 itens)
3. Roubo (18 itens)
4. Agressões a pessoas (15 itens)
5. Consumo de Drogas (21 itens)

A resposta ao questionário é efectuada por intermédio de uma escala tipo Likert pontuada de 0 a 3, avaliando assim a frequência das condutas anti-sociais do sujeito. Sendo que 0 equivale a “nunca” ter praticado essa conduta, 1 a “poucas vezes”, 2 a “bastantes vezes” e 3 a “com frequência”. Este instrumento permite-nos obter a pontuação do sujeito em cada tipo de conduta anti-social, assim como a sua pontuação total nas condutas anti-sociais.

Para verificar a qualidade psicométrica deste questionário, em termos de fidelidade, procedeu-se à prova da consistência interna dos itens através do alfa de Cronbach, sendo o valor obtido de .94 para a escala total, e os seguintes para as 5 sub-escalas: .75 para a da Conduta Contra Normas, .80 para a do Vandalismo, .90 para a do Roubo, .82 para a das Agressões e .86 para a do Consumo de Drogas. Donde se pode afirmar que este instrumento possui uma consistência interna altamente aceitável.

### 2.2.2. Escala de Apego aos Pais

Esta escala de foi elaborada por Amersdem & Greenberg (1987) para avaliar a o grau de vinculação do adolescente aos Pais. Trata-se de um inventário constituído por 25 itens referentes à mãe e 25 itens similares referentes ao pai. Este inventário pode ainda ser dividido em 3 sub-escalas que que medem a Confiança, a Comunicação e a Alienação do adolescente relativamente aos pais. Os itens que compõem as sub-escalas são os seguintes:

1. Confiança (9 itens) – referem-se ao respeito, compreensão e confiança mútua dos pais para com os filhos;
2. Comunicação (8 itens) – compõem-se por itens referentes ao grau e qualidade das comunicações verbais com os pais, e;
3. Alienação (8 itens) – contêm aspectos relativos aos sentimentos de alienação e isolamento do adolescente.

A pontuação deste inventário é efectuada através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, onde é atribuído o valor 0 à resposta “Nunca”, 1 a “Poucas Vezes”, 2 a “Bastantes Vezes”, 3 a “Muitas Vezes” e, por fim, atribui-se o valor 4 à resposta “Sempre”. As três dimensões do inventário podem ser utilizadas como escalas independentes somando os valores dos respectivos itens, e a pontuação total do apego obtem-se somando as pontuações do sujeito nas escalas da Confiança e Comunicação subtraindo a esta soma a pontuação da escala da Alienação.

Verificou-se que esta escala possui uma consistência interna bastante stisfatória, sendo que o valor de Alpha de Cronbach obtido foi de .84. Para as 3 sub-escalas os valores do Alpha obtidos foram os seguintes: para a da Confiança, o valor de .89; para a da Comunicação .91, e; para a da Alienação .69.

**PAULO JORGE DE JESUS CURTO**

***“APEGO À FAMÍLIA, GRUPO DE PARES E CONDUTAS  
ANTI-SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA”***

*Um estudo exploratório realizado na Escola Secundária António Nobre em  
V.N.GAIA*

Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa, elaborada de acordo com as “Normas Específicas de Estágio e Monografia”, no âmbito da Licenciatura em Psicologia Social e do Trabalho, sob orientação do Professor Dr. José Soares Martins.

**Fevereiro de 2000**

SEGUNDA PARTE

### III – ESTUDO EMPÍRICO

#### 1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

##### 1.1. Justificação do Estudo

Após uma revisão da literatura sobre a temática da delinquência juvenil verificámos que vários factores estão subjacentes à sua manifestação. Assim, parece evidente a existência de uma relação entre os grupos primários, a família e o grupo de pares, enquanto agentes de socialização, e a génese do comportamento desviante. Esta relação directa entre o ambiente familiar, grupo de pares (desviados) e delinquência é testemunhada não só pelos modelos teóricos atrás analisados, mas também comprovada pelas inúmeras investigações empíricas sobre esta problemática.

Assim, em função das conclusões dos estudos sobre esta matéria assumimos que a influência da família no comportamento desviante do adolescente é produzida através das interações afectivas e disciplinares entre pais e filhos. Sendo que o impacto vai ser reflectido, no adolescente, em termos de desenvolvimento social e cognitivo bem como na escolha do tipo de pares com quem ele se vai relacionar.

Segundo a Teoria do Controlo Social de Hirschi (1969), o apego às pessoas significativas do meio está relacionado com as condutas convencionais, enquanto que a ausência de apego à família e pares convencionais está relacionado com a delinquência. Por outro lado, a Teoria da Associação Diferencial de Sutherland (1939), pressupõe que a delinquência juvenil deriva da socialização numa subcultura desviante, pelo que a associação a pares desviados está relacionado com as condutas anti-sociais do adolescente. Daqui resulta que a exposição a modelos que reforcem positivamente o comportamento anti-social, por exemplo, no grupo de

pares, influencia a delinquência individual, fazendo com que o indivíduo adopte modos de conduta desviante (Akers *et al.*, 1979; Bandura, 1971; Bandura & Walters, 1963).

Partindo dos resultados empíricos e dos modelos teóricos analisados, considerámos como variáveis para o nosso estudo o apego à família e o grupo de pares, supondo-se que estas variáveis irão explicar o comportamento desviante dos adolescentes observados na amostra. No entanto, os estudos empíricos atribuem um maior poder explicativo da delinquência individual à associação a pares desviados, pelo que se espera desta variável resultados mais consistentes sobre a delinquência relativamente ao apego aos pais.

## **1.2. Objectivos**

No seguimento do ponto anterior, apresentamos os 5 grandes objectivos deste estudo empírico, a saber:

1. Analisar a correlação que existe entre a variável vinculação aos pais e as condutas anti-sociais na adolescência.
2. Analisar a correlação entre o grau de sociabilidade, com o grupo de pares, e as condutas anti-sociais na mesma população.
3. Analisar a correlação entre a variável antinormatividade grupal e as condutas anti-sociais nos adolescentes.
4. Verificar se existem diferenças significativas quanto ao género, idade e nível sócio-económico relativamente às condutas anti-sociais.
5. Analisar as variáveis independentes que melhor explicam/predizem as condutas anti-sociais.

### 1.3. Hipóteses

As hipóteses gerais de partida deste estudo consistem na previsão da existência de uma correlação significativa e negativa entre a vinculação aos pais e a delinquência juvenil, e da existência de uma correlação significativa e positiva entre a antinormatividade grupal e a delinquência individual. Prevê-se ainda que estas correlações variem em função do género.

Deste modo, de acordo com a revisão teórica efectuada, as hipóteses são as seguintes:

#### A. Hipóteses relativas à Classe Social:

1. Espera-se encontrar diferenças significativas entre classes sociais quanto ao apego aos pais;
2. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à socialização com o grupo de pares;
3. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à associação a pares desviados, e;
4. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à frequência das condutas anti-sociais nos adolescente.

#### B. Hipótese relativas à Idade:

Espera-se que consoante a idade aumente (15 aos 18 anos),

1. O apego aos pais aumente, com diferenças significativas entre grupos;
2. A socialização com o grupo de pares diminua, com diferenças significativas entre grupos;
3. A associação a pares desviados aumente, com diferenças significativas entre grupos, e;

4. A frequência da actividade delinvente aumente, com diferenças significativas entre grupos.

C. Hipóteses relativas ao apego aos pais:

1. Espera-se que quanto mais elevada for a vinculação do adolescente aos pais,
  - 1.1. Maior a satisfação do adolescente nas relações com os pares, logo maior probabilidade de pontuar alto na sociabilidade com os pares;
  - 1.2. Menor a probabilidade de se associar a pares desviados, pontuando baixo na antinormatividade grupal, e;
  - 1.3. Menor será a probabilidade do adolescente se envolver em condutas anti-sociais, logo pontuará baixo no questionário das condutas anti-sociais;
2. Espera-se que o apego aos pais seja preditor das condutas anti-sociais dos adolescentes.

D. Hipótese relativas à relação com os pares:

1. Espera-se que quanto maior for o grau de sociabilidade com os pares menor será a probabilidade do envolvimento em condutas anti-sociais;
2. Quanto maior a associação a pares desviados maior a probabilidade do adolescente realizar condutas anti-sociais, e por fim;
3. Espera-se que a associação a pares desviados seja o maior preditor na explicação das condutas anti-sociais do adolescente.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Desenho Empírico**

A presente investigação resulta de um estudo transversal cuja recolha dos dados foi efectuada através de questionário. Como anteriormente referimos, são bastante conhecidas as vantagens dos estudos por questionário como método de avaliação do comportamento, pois permitem-nos, entre outras, recolher a informação em quantidade e qualidade num menor espaço de tempo, em relação a outras técnicas, e quantificar variáveis e formar grupos homogéneos (Fleming, 1997; Mirón, 1990). A informação recolhida foi tratada estatisticamente recorrendo a uma análise descritiva e diferencial das variáveis, tratando-se de um estudo essencialmente de carácter correlacional.

### **2.2. Instrumentos de medida das variáveis**

Para o nosso estudo considerámos as condutas anti-sociais como variável dependente. Trata-se de um questionário que nos informa sobre o comportamento dos adolescentes quando confrontado com as normas e leis sociais, sendo um instrumento elaborado por Mirón (1990).

Quanto às variáveis independentes do estudo considerámos o apego aos pais, a socialização com os pares e antinormatividade grupal. Os instrumentos de medida utilizados foram respectivamente, o Inventário de Apego aos Pais de Armsdem & Greenberg (1987), a Escala de Sociabilidade e da Antinormatividade Grupal, ambas da autoria de Serrano *et al.* (1994).

### 2.2.1. Questionário das Condutas Anti-Sociais

Este questionário foi construído por Mirón (1990) e testado numa amostra da população espanhola demonstrando uma consistência dos itens (alfa de Cronbach) de .98. Trata-se de um questionário constituído por 82 itens, dos quais se deduzem 5 agrupamentos de condutas delinquentes, sendo as seguintes:

1. Conduta contra normas (13 itens)
2. Vandalismo (15 itens)
3. Roubo (18 itens)
4. Agressões a pessoas (15 itens)
5. Consumo de Drogas (21 itens)

A resposta ao questionário é efectuada por intermédio de uma escala tipo Likert pontuada de 0 a 3, avaliando assim a frequência das condutas anti-sociais do sujeito. Sendo que 0 equivale a “nunca” ter praticado essa conduta, 1 a “poucas vezes”, 2 a “bastantes vezes” e 3 a “com frequência”. Este instrumento permite-nos obter a pontuação do sujeito em cada tipo de conduta anti-social, assim como a sua pontuação total nas condutas anti-sociais.

Para verificar a qualidade psicométrica deste questionário, em termos de fidelidade, procedeu-se à prova da consistência interna dos itens através do alfa de Cronbach, sendo o valor obtido de .94 para a escala total, e os seguintes para as 5 sub-escalas: .75 para a da Conduta Contra Normas, .80 para a do Vandalismo, .90 para a do Roubo, .82 para a das Agressões e .86 para a do Consumo de Drogas. Donde se pode afirmar que este instrumento possui uma consistência interna altamente aceitável.

### 2.2.2. Escala de Apego aos Pais

Esta escala de foi elaborada por Amersdem & Greenberg (1987) para avaliar a o grau de vinculação do adolescente aos Pais. Trata-se de um inventário constituído por 25 itens referentes à mãe e 25 itens similares referentes ao pai. Este inventário pode ainda ser dividido em 3 sub-escalas que que medem a Confiança, a Comunicação e a Alienação do adolescente relativamente aos pais. Os itens que compõem as sub-escalas são os seguintes:

1. Confiança (9 itens) – referem-se ao respeito, compreensão e confiança mútua dos pais para com os filhos;
2. Comunicação (8 itens) – compõem-se por itens referentes ao grau e qualidade das comunicações verbais com os pais, e;
3. Alienação (8 itens) – contêm aspectos relativos aos sentimentos de alienação e isolamento do adolescente.

A pontuação deste inventário é efectuada através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, onde é atribuído o valor 0 à resposta “Nunca”, 1 a “Poucas Vezes”, 2 a “Bastantes Vezes”, 3 a “Muitas Vezes” e, por fim, atribui-se o valor 4 à resposta “Sempre”. As três dimensões do inventário podem ser utilizadas como escalas independentes somando os valores dos respectivos itens, e a pontuação total do apego obtem-se somando as pontuações do sujeito nas escalas da Confiança e Comunicação subtraindo a esta soma a pontuação da escala da Alienação.

Verificou-se que esta escala possui uma consistência interna bastante stisfatória, sendo que o valor de Alpha de Cronbach obtido foi de .84. Para as 3 sub-escalas os valores do Alpha obtidos foram os seguintes: para a da Confiança, o valor de .89; para a da Comunicação .91, e; para a da Alienação .69.

### **2.2.3. Escalas para o Grupo de Pares**

As duas escalas utilizadas para o Grupo de Pares são da autoria de Serrano *et al.* (1994) e servem para medir a 1) Socialização com os Pares, e a 2) Antinormatividade Grupal. A primeira possui uma coeficiente de estandardização de .79 e a segunda de .77, testados numa extensa amostra da população espanhola.

#### **2.2.3.1. Escala de Socialização**

Esta escala avalia o grau de socialização do adolescente com os seus pares, ou seja, avalia a dificuldade de interacção com os pares bem com o grau de satisfação resultantes dessas interacções (Serrano *et al.*, 1994). Trata-se de uma escala constituída por 9 items, donde se obtém o nível de satisfação com o grupo de pares através do somatório dos items.

Os 9 items da escala são respondidos através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, ou seja, 5 possibilidades de resposta para cada item, num intervalo de 0 a 4 pontos. A análise de consistência interna dos items revelou um coeficiente de estandardização de .89 (Alpha de Cronbach), sendo superior ao obtido pelos autores, indicando, portanto, um elevado grau de consistência.

#### **2.2.3.2. Escala da Antinormatividade Grupal**

Esta escala é composta por 7 items, referentes às condutas anti-sociais dos pares, com 4 possibilidades de resposta para cada, pontuados numa escala tipo Likert de 0 a 3 pontos para cada resposta. A pontuação total da escala obtém-se somando a pontuação de cada um dos items. O somatório dá-nos o nível de antinormatividade do grupo de pares com o qual o indivíduo se relaciona. Trata-se, portanto, de uma escala que avalia em que medida o adolescente se relaciona ou não com um grupo de pares desviados (Serrano *et al.*, 1994).

### **2.2.3. Escalas para o Grupo de Pares**

As duas escalas utilizadas para o Grupo de Pares são da autoria de Serrano *et al.* (1994) e servem para medir a 1) Socialização com os Pares, e a 2) Antinormatividade Grupal. A primeira possui uma coeficiente de estandardização de .79 e a segunda de .77, testados numa extensa amostra da população espanhola.

#### **2.2.3.1. Escala de Socialização**

Esta escala avalia o grau de socialização do adolescente com os seus pares, ou seja, avalia a dificuldade de interacção com os pares bem com o grau de satisfação resultantes dessas interacções (Serrano *et al.*, 1994). Trata-se de uma escala constituída por 9 items, donde se obtém o nível de satisfação com o grupo de pares através do somatório dos items.

Os 9 items da escala são respondidos através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, ou seja, 5 possibilidades de resposta para cada item, num intervalo de 0 a 4 pontos. A análise de consistência interna dos items revelou um coeficiente de estandardização de .89 (Alpha de Cronbach), sendo superior ao obtido pelos autores, indicando, portanto, um elevado grau de consistência.

#### **2.2.3.2. Escala da Antinormatividade Grupal**

Esta escala é composta por 7 items, referentes às condutas anti-sociais dos pares, com 4 possibilidades de resposta para cada, pontuados numa escala tipo Likert de 0 a 3 pontos para cada resposta. A pontuação total da escala obtém-se somando a pontuação de cada um dos items. O somatório dá-nos o nível de antinormatividade do grupo de pares com o qual o indivíduo se relaciona. Trata-se, portanto, de uma escala que avalia em que medida o adolescente se relaciona ou não com um grupo de pares desviados (Serrano *et al.*, 1994).

Submeteu-se a escala à prova do Alpha de Cronbach para analisar a consistência interna dos itens e o valor obtido foi semelhante ao encontrado pelos seus autores, ou seja, um coeficiente de estandardização de .79 (para os autores foi de .77). Este coeficiente de estandardização permite-nos afirmar que a presente escala possui elevada consistência interna.

### **2.3. Procedimentos**

A presente investigação desenvolveu-se na Escola Secundário António Nobre, V.N.GAIA, após um pedido de autorização por escrito ao presidente do Conselho Directivo. A passagem do inquérito, por questionário, foi administrada por um professor dessa Instituição às turmas do 9º, 10º, 11º e 12º ano, durante o mês de Abril de 1999.

A escolha da amostra obedeceu aos propósitos da investigação, isto é, verificar a frequência das condutas anti-sociais numa população jovem não detectada. Para a escolha contribuíram também as variáveis socio-demográficas, não só em termos de idade dos jovens, mas também em termos da classe social e género dos mesmos. Pelo que, para a amostra ser o mais equilibrada possível tornou-se necessário a escolha de uma instituição onde a população fosse abundante e heterogénia.

### **2.4. Amostra**

O inquérito por questionário foi administrado a uma amostra de 100 adolescentes de ambos os sexos, pelo que não se trata de uma amostra representativa da população jovem em geral. No entanto, para os objectivos da investigação, pretendeu-se que a amostra fosse equilibrada e proporcional, abrangendo os dois géneros, várias idades e classes sociais. As classes sociais foram definidas segundo a escala de Warner, que permite avaliar o estatuto

sócio-económico segundo as profissões, adaptada à população portuguesa. Vejamos então as características da amostra,

Segundo a Idade e Género:

IDADE	15 ANOS	16 ANOS	17 ANOS	18 ANOS
AMOSTRA TOTAL (N=100)	26	26	24	24
MASCULINO (N=50)	13	13	12	12
FEMININO (N=50)	13	13	12	12

Segundo a Classe Social e Género:

CLASSE SOCIAL	BAIXA	MÉDIA-BAIXA	MÉDIA	MÉDIA-ALTA	ALTA
AMOSTRA TOTAL (100)	21	32	31	15	1
MASCULINO (N=50)	11	15	16	8	0
FEMININO (N=50)	10	17	15	7	1

## 2.5. Variáveis do Estudo

### 2.5.1. Variáveis Sócio-Demográficas

As variáveis sócio-demográficas foram seleccionadas de acordo com as necessidades do estudo, em concreto para verificar se existem diferenças significativas entre grupos, nomeadamente a respeito:

- 1- do Género;
- 2- da Idade, e;
- 3- da Classe Social.

### **2.5.2. Variáveis Psicossociológicas**

As variáveis psicossociológicas foram seleccionadas de acordo com os objectivos e hipóteses da investigação. São 4 as variáveis psicossociológicas: 1) Apego aos Pais; 2) Socialização com Pares; 3) Antinormatividade Grupal, e; 4) Condutas Anti-Sociais.

A variável das Condutas Anti-Sociais é a nossa Variável Dependente e as restantes são Variáveis Independentes. Das variáveis independentes a do Apego aos Pais é decomposta em três sub-variáveis (Confiança, Comunicação e Alienação), enquanto as outras duas se mantêm inalteradas. Também a nossa variável dependente, Condutas Anti-Sociais, é dividida em 5 sub-variáveis, que caracterizam 5 distintos tipos de condutas: Roubo, Agressões, Consumo de Drogas, Conduta Contra Normas e Vandalismo.

### **2.6. Análise Estatística das Variáveis**

Para o tratamento estatístico das variáveis da investigação usámos o programa SPSS V/6.1, a partir do qual realizámos análises descritivas, diferenciais, de correlação e de regressão múltipla entre as variáveis independentes e dependentes do presente estudo.

A análise descritiva permite-nos comparar as pontuações médias e desvios padrões entre as variáveis. A análise diferencial permite-nos averiguar se existem diferenças significativas entre as variáveis sócio-demográficas e psicossociológicas. Para a análise diferencial utilizámos o Test-t de Student, para comparar diferenças significativas entre as médias de dois grupos (p.e., quanto ao Género), e a análise da variância (Anova One Way) através do Duncan Test, para comparar diferenças significativas entre as médias de dois ou mais grupos (p.e., os grupos das Idades).

**PAULO JORGE DE JESUS CURTO**

***“APEGO À FAMÍLIA, GRUPO DE PARES E CONDUTAS  
ANTI-SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA”***

*Um estudo exploratório realizado na Escola Secundária António Nobre em  
V.N.GAIA*

Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa, elaborada de acordo com as “Normas Específicas de Estágio e Monografia”, no âmbito da Licenciatura em Psicologia Social e do Trabalho, sob orientação do Professor Dr. José Soares Martins.

**Fevereiro de 2000**

SEGUNDA PARTE

### III – ESTUDO EMPÍRICO

#### 1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

##### 1.1. Justificação do Estudo

Após uma revisão da literatura sobre a temática da delinquência juvenil verificámos que vários factores estão subjacentes à sua manifestação. Assim, parece evidente a existência de uma relação entre os grupos primários, a família e o grupo de pares, enquanto agentes de socialização, e a génese do comportamento desviante. Esta relação directa entre o ambiente familiar, grupo de pares (desviados) e delinquência é testemunhada não só pelos modelos teóricos atrás analisados, mas também comprovada pelas inúmeras investigações empíricas sobre esta problemática.

Assim, em função das conclusões dos estudos sobre esta matéria assumimos que a influência da família no comportamento desviante do adolescente é produzida através das interações afectivas e disciplinares entre pais e filhos. Sendo que o impacto vai ser reflectido, no adolescente, em termos de desenvolvimento social e cognitivo bem como na escolha do tipo de pares com quem ele se vai relacionar.

Segundo a Teoria do Controlo Social de Hirschi (1969), o apego às pessoas significativas do meio está relacionado com as condutas convencionais, enquanto que a ausência de apego à família e pares convencionais está relacionado com a delinquência. Por outro lado, a Teoria da Associação Diferencial de Sutherland (1939), pressupõe que a delinquência juvenil deriva da socialização numa subcultura desviante, pelo que a associação a pares desviados está relacionado com as condutas anti-sociais do adolescente. Daqui resulta que a exposição a modelos que reforcem positivamente o comportamento anti-social, por exemplo, no grupo de

pares, influencia a delinquência individual, fazendo com que o indivíduo adopte modos de conduta desviante (Akers *et al.*, 1979; Bandura, 1971; Bandura & Walters, 1963).

Partindo dos resultados empíricos e dos modelos teóricos analisados, considerámos como variáveis para o nosso estudo o apego à família e o grupo de pares, supondo-se que estas variáveis irão explicar o comportamento desviante dos adolescentes observados na amostra. No entanto, os estudos empíricos atribuem um maior poder explicativo da delinquência individual à associação a pares desviados, pelo que se espera desta variável resultados mais consistentes sobre a delinquência relativamente ao apego aos pais.

## **1.2. Objectivos**

No seguimento do ponto anterior, apresentamos os 5 grandes objectivos deste estudo empírico, a saber:

1. Analisar a correlação que existe entre a variável vinculação aos pais e as condutas anti-sociais na adolescência.
2. Analisar a correlação entre o grau de sociabilidade, com o grupo de pares, e as condutas anti-sociais na mesma população.
3. Analisar a correlação entre a variável antinormatividade grupal e as condutas anti-sociais nos adolescentes.
4. Verificar se existem diferenças significativas quanto ao género, idade e nível sócio-económico relativamente às condutas anti-sociais.
5. Analisar as variáveis independentes que melhor explicam/predizem as condutas anti-sociais.

### 1.3. Hipóteses

As hipóteses gerais de partida deste estudo consistem na previsão da existência de uma correlação significativa e negativa entre a vinculação aos pais e a delinquência juvenil, e da existência de uma correlação significativa e positiva entre a antinormatividade grupal e a delinquência individual. Prevê-se ainda que estas correlações variem em função do género.

Deste modo, de acordo com a revisão teórica efectuada, as hipóteses são as seguintes:

#### A. Hipóteses relativas à Classe Social:

1. Espera-se encontrar diferenças significativas entre classes sociais quanto ao apego aos pais;
2. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à socialização com o grupo de pares;
3. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à associação a pares desviados, e;
4. Esperam-se diferenças significativas entre classes sociais quanto à frequência das condutas anti-sociais nos adolescente.

#### B. Hipótese relativas à Idade:

Espera-se que consoante a idade aumente (15 aos 18 anos),

1. O apego aos pais aumente, com diferenças significativas entre grupos;
2. A socialização com o grupo de pares diminua, com diferenças significativas entre grupos;
3. A associação a pares desviados aumente, com diferenças significativas entre grupos, e;

4. A frequência da actividade delinvente aumente, com diferenças significativas entre grupos.

C. Hipóteses relativas ao apego aos pais:

1. Espera-se que quanto mais elevada for a vinculação do adolescente aos pais,
  - 1.1. Maior a satisfação do adolescente nas relações com os pares, logo maior probabilidade de pontuar alto na sociabilidade com os pares;
  - 1.2. Menor a probabilidade de se associar a pares desviados, pontuando baixo na antinormatividade grupal, e;
  - 1.3. Menor será a probabilidade do adolescente se envolver em condutas anti-sociais, logo pontuará baixo no questionário das condutas anti-sociais;
2. Espera-se que o apego aos pais seja preditor das condutas anti-sociais dos adolescentes.

D. Hipótese relativas à relação com os pares:

1. Espera-se que quanto maior for o grau de sociabilidade com os pares menor será a probabilidade do envolvimento em condutas anti-sociais;
2. Quanto maior a associação a pares desviados maior a probabilidade do adolescente realizar condutas anti-sociais, e por fim;
3. Espera-se que a associação a pares desviados seja o maior preditor na explicação das condutas anti-sociais do adolescente.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Desenho Empírico**

A presente investigação resulta de um estudo transversal cuja recolha dos dados foi efectuada através de questionário. Como anteriormente referimos, são bastante conhecidas as vantagens dos estudos por questionário como método de avaliação do comportamento, pois permitem-nos, entre outras, recolher a informação em quantidade e qualidade num menor espaço de tempo, em relação a outras técnicas, e quantificar variáveis e formar grupos homogéneos (Fleming, 1997; Mirón, 1990). A informação recolhida foi tratada estatisticamente recorrendo a uma análise descritiva e diferencial das variáveis, tratando-se de um estudo essencialmente de carácter correlacional.

### **2.2. Instrumentos de medida das variáveis**

Para o nosso estudo considerámos as condutas anti-sociais como variável dependente. Trata-se de um questionário que nos informa sobre o comportamento dos adolescentes quando confrontado com as normas e leis sociais, sendo um instrumento elaborado por Mirón (1990).

Quanto às variáveis independentes do estudo considerámos o apego aos pais, a socialização com os pares e antinormatividade grupal. Os instrumentos de medida utilizados foram respectivamente, o Inventário de Apego aos Pais de Armsdem & Greenberg (1987), a Escala de Sociabilidade e da Antinormatividade Grupal, ambas da autoria de Serrano *et al.* (1994).

### 2.2.1. Questionário das Condutas Anti-Sociais

Este questionário foi construído por Mirón (1990) e testado numa amostra da população espanhola demonstrando uma consistência dos itens (alfa de Cronbach) de .98. Trata-se de um questionário constituído por 82 itens, dos quais se deduzem 5 agrupamentos de condutas delinquentes, sendo as seguintes:

1. Conduta contra normas (13 itens)
2. Vandalismo (15 itens)
3. Roubo (18 itens)
4. Agressões a pessoas (15 itens)
5. Consumo de Drogas (21 itens)

A resposta ao questionário é efectuada por intermédio de uma escala tipo Likert pontuada de 0 a 3, avaliando assim a frequência das condutas anti-sociais do sujeito. Sendo que 0 equivale a “nunca” ter praticado essa conduta, 1 a “poucas vezes”, 2 a “bastantes vezes” e 3 a “com frequência”. Este instrumento permite-nos obter a pontuação do sujeito em cada tipo de conduta anti-social, assim como a sua pontuação total nas condutas anti-sociais.

Para verificar a qualidade psicométrica deste questionário, em termos de fidelidade, procedeu-se à prova da consistência interna dos itens através do alfa de Cronbach, sendo o valor obtido de .94 para a escala total, e os seguintes para as 5 sub-escalas: .75 para a da Conduta Contra Normas, .80 para a do Vandalismo, .90 para a do Roubo, .82 para a das Agressões e .86 para a do Consumo de Drogas. Donde se pode afirmar que este instrumento possui uma consistência interna altamente aceitável.

### 2.2.2. Escala de Apego aos Pais

Esta escala de foi elaborada por Amersdem & Greenberg (1987) para avaliar a o grau de vinculação do adolescente aos Pais. Trata-se de um inventário constituído por 25 itens referentes à mãe e 25 itens similares referentes ao pai. Este inventário pode ainda ser dividido em 3 sub-escalas que que medem a Confiança, a Comunicação e a Alienação do adolescente relativamente aos pais. Os itens que compõem as sub-escalas são os seguintes:

1. Confiança (9 itens) – referem-se ao respeito, compreensão e confiança mútua dos pais para com os filhos;
2. Comunicação (8 itens) – compõem-se por itens referentes ao grau e qualidade das comunicações verbais com os pais, e;
3. Alienação (8 itens) – contêm aspectos relativos aos sentimentos de alienação e isolamento do adolescente.

A pontuação deste inventário é efectuada através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, onde é atribuído o valor 0 à resposta “Nunca”, 1 a “Poucas Vezes”, 2 a “Bastantes Vezes”, 3 a “Muitas Vezes” e, por fim, atribui-se o valor 4 à resposta “Sempre”. As três dimensões do inventário podem ser utilizadas como escalas independentes somando os valores dos respectivos itens, e a pontuação total do apego obtem-se somando as pontuações do sujeito nas escalas da Confiança e Comunicação subtraindo a esta soma a pontuação da escala da Alienação.

Verificou-se que esta escala possui uma consistência interna bastante stisfatória, sendo que o valor de Alpha de Cronbach obtido foi de .84. Para as 3 sub-escalas os valores do Alpha obtidos foram os seguintes: para a da Confiança, o valor de .89; para a da Comunicação .91, e; para a da Alienação .69.

### **2.2.3. Escalas para o Grupo de Pares**

As duas escalas utilizadas para o Grupo de Pares são da autoria de Serrano *et al.* (1994) e servem para medir a 1) Socialização com os Pares, e a 2) Antinormatividade Grupal. A primeira possui uma coeficiente de estandardização de .79 e a segunda de .77, testados numa extensa amostra da população espanhola.

#### **2.2.3.1. Escala de Socialização**

Esta escala avalia o grau de socialização do adolescente com os seus pares, ou seja, avalia a dificuldade de interacção com os pares bem com o grau de satisfação resultantes dessas interacções (Serrano *et al.*, 1994). Trata-se de uma escala constituída por 9 items, donde se obtém o nível de satisfação com o grupo de pares através do somatório dos items.

Os 9 items da escala são respondidos através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, ou seja, 5 possibilidades de resposta para cada item, num intervalo de 0 a 4 pontos. A análise de consistência interna dos items revelou um coeficiente de estandardização de .89 (Alpha de Cronbach), sendo superior ao obtido pelos autores, indicando, portanto, um elevado grau de consistência.

#### **2.2.3.2. Escala da Antinormatividade Grupal**

Esta escala é composta por 7 items, referentes às condutas anti-sociais dos pares, com 4 possibilidades de resposta para cada, pontuados numa escala tipo Likert de 0 a 3 pontos para cada resposta. A pontuação total da escala obtém-se somando a pontuação de cada um dos items. O somatório dá-nos o nível de antinormatividade do grupo de pares com o qual o indivíduo se relaciona. Trata-se, portanto, de uma escala que avalia em que medida o adolescente se relaciona ou não com um grupo de pares desviados (Serrano *et al.*, 1994).

Submeteu-se a escala à prova do Alpha de Cronbach para analisar a consistência interna dos itens e o valor obtido foi semelhante ao encontrado pelos seus autores, ou seja, um coeficiente de estandardização de .79 (para os autores foi de .77). Este coeficiente de estandardização permite-nos afirmar que a presente escala possui elevada consistência interna.

### **2.3. Procedimentos**

A presente investigação desenvolveu-se na Escola Secundário António Nobre, V.N.GAIA, após um pedido de autorização por escrito ao presidente do Conselho Directivo. A passagem do inquérito, por questionário, foi administrada por um professor dessa Instituição às turmas do 9º, 10º, 11º e 12º ano, durante o mês de Abril de 1999.

A escolha da amostra obedeceu aos propósitos da investigação, isto é, verificar a frequência das condutas anti-sociais numa população jovem não detectada. Para a escolha contribuíram também as variáveis socio-demográficas, não só em termos de idade dos jovens, mas também em termos da classe social e género dos mesmos. Pelo que, para a amostra ser o mais equilibrada possível tornou-se necessário a escolha de uma instituição onde a população fosse abundante e heterogénia.

### **2.4. Amostra**

O inquérito por questionário foi administrado a uma amostra de 100 adolescentes de ambos os sexos, pelo que não se trata de uma amostra representativa da população jovem em geral. No entanto, para os objectivos da investigação, pretendeu-se que a amostra fosse equilibrada e proporcional, abrangendo os dois géneros, várias idades e classes sociais. As classes sociais foram definidas segundo a escala de Warner, que permite avaliar o estatuto

sócio-económico segundo as profissões, adaptada à população portuguesa. Vejamos então as características da amostra,

Segundo a Idade e Género:

IDADE	15 ANOS	16 ANOS	17 ANOS	18 ANOS
AMOSTRA TOTAL (N=100)	26	26	24	24
MASCULINO (N=50)	13	13	12	12
FEMININO (N=50)	13	13	12	12

Segundo a Classe Social e Género:

CLASSE SOCIAL	BAIXA	MÉDIA-BAIXA	MÉDIA	MÉDIA-ALTA	ALTA
AMOSTRA TOTAL (100)	21	32	31	15	1
MASCULINO (N=50)	11	15	16	8	0
FEMININO (N=50)	10	17	15	7	1

## 2.5. Variáveis do Estudo

### 2.5.1. Variáveis Sócio-Demográficas

As variáveis sócio-demográficas foram seleccionadas de acordo com as necessidades do estudo, em concreto para verificar se existem diferenças significativas entre grupos, nomeadamente a respeito:

- 1- do Género;
- 2- da Idade, e;
- 3- da Classe Social.

### **2.5.2. Variáveis Psicossociológicas**

As variáveis psicossociológicas foram seleccionadas de acordo com os objectivos e hipóteses da investigação. São 4 as variáveis psicossociológicas: 1) Apego aos Pais; 2) Socialização com Pares; 3) Antinormatividade Grupal, e; 4) Condutas Anti-Sociais.

A variável das Condutas Anti-Sociais é a nossa Variável Dependente e as restantes são Variáveis Independentes. Das variáveis independentes a do Apego aos Pais é decomposta em três sub-variáveis (Confiança, Comunicação e Alienação), enquanto as outras duas se mantêm inalteradas. Também a nossa variável dependente, Condutas Anti-Sociais, é dividida em 5 sub-variáveis, que caracterizam 5 distintos tipos de condutas: Roubo, Agressões, Consumo de Drogas, Conduta Contra Normas e Vandalismo.

### **2.6. Análise Estatística das Variáveis**

Para o tratamento estatístico das variáveis da investigação usámos o programa SPSS V/6.1, a partir do qual realizámos análises descritivas, diferenciais, de correlação e de regressão múltipla entre as variáveis independentes e dependentes do presente estudo.

A análise descritiva permite-nos comparar as pontuações médias e desvios padrões entre as variáveis. A análise diferencial permite-nos averiguar se existem diferenças significativas entre as variáveis sócio-demográficas e psicossociológicas. Para a análise diferencial utilizámos o Test-t de Student, para comparar diferenças significativas entre as médias de dois grupos (p.e., quanto ao Género), e a análise da variância (Anova One Way) através do Duncan Test, para comparar diferenças significativas entre as médias de dois ou mais grupos (p.e., os grupos das Idades).

Através do  $r$  de Pearson procedeu-se à análise correlacional entre as variáveis psicossociológicas independentes e dependentes. O estudo dos coeficientes de correlação pretende averiguar se existem correlações significativas entre as variáveis em estudo, isto é, entre as variáveis dependentes e independentes.

Com o objectivo de verificar quais são as variáveis independentes que melhor explicam as dependentes, efectuou-se uma análise preditiva através da análise de regressão múltipla usando o método Setpwise “por passos” . Este método permite detectar as variáveis que explicam a maior variância das variáveis, ou seja, analisa a influência de cada variável mantendo as restantes constantes (Mirón, 1990). Assim, das variáveis psicossociológicas independentes (Grupais e de Apego aos Pais) analisámos aquelas que melhor explicam e predizem as variáveis dependentes (Conduitas Anti-Sociais).

Através do  $r$  de Pearson procedeu-se à análise correlacional entre as variáveis psicossociológicas independentes e dependentes. O estudo dos coeficientes de correlação pretende averiguar se existem correlações significativas entre as variáveis em estudo, isto é, entre as variáveis dependentes e independentes.

Com o objectivo de verificar quais são as variáveis independentes que melhor explicam as dependentes, efectuou-se uma análise preditiva através da análise de regressão múltipla usando o método Setpwise “por passos” . Este método permite detectar as variáveis que explicam a maior variância das variáveis, ou seja, analisa a influência de cada variável mantendo as restantes constantes (Mirón, 1990). Assim, das variáveis psicossociológicas independentes (Grupais e de Apego aos Pais) analisámos aquelas que melhor explicam e predizem as variáveis dependentes (Conduitas Anti-Sociais).

### 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 3.1. Análise Diferencial: Análise do t-test de Student e da Variância para as Variáveis Psicossociológicas em função das Variáveis Sócio-Demográficas

A análise diferencial e descritiva que se segue procura analisar as pontuações médias das variáveis sócio-demográficas, em função das variáveis psicossociológicas, e analisar as diferenças entre as pontuações médias nos grupos em presença. Para essa análise recorreu-se aos seguintes testes estatísticos: t-test e One Way Anova (Variância).

##### 3.1.1. Análise do t-test de Student das variáveis psicossociológicas em função do género

De acordo com os resultados da TABELA 1 observam-se diferenças significativas entre as duas amostras. Concretamente, as diferenças surgem mais significativas nas dimensões do apego ao pai e na pontuação das condutas anti-sociais, onde os valores de  $t$  são mais elevados.

Verifica-se que, no apego a ambos os pais, os rapazes (pai –  $M=32.72$ ;  $DP=17.39$  e mãe –  $M=36.64$ ;  $DP=13.59$ ) pontuam mais alto que as raparigas (pai –  $M=22.86$ ;  $DP=18.50$  e mãe –  $M=33.20$ ;  $DP=13.97$ ). No entanto, os dois géneros pontuam mais alto no apego à mãe que no apego ao pai. As diferenças são significativas apenas no apego ao pai, sendo os rapazes aqueles que demonstram maior apego ( $t(98)=2.75$ ;  $p \leq .007$ ). Como consequência são as raparigas que se sentem mais isoladas do pai ( $t(98)=-2.43$ ;  $p \leq .017$ ).

Quanto à satisfação na relação com os pares não se verificam diferenças significativas, entre grupos e; o mesmo se verifica quanto à associação a pares desviados, embora os rapazes

(M=5.38; DP=3.21) demonstrem maior tendência para essa associação que as raparigas (M=4.32; DP=2.42).

Na escala das condutas anti-sociais encontramos diferenças significativas entre rapazes e raparigas ( $t(98)=3.98$ ;  $p \leq .000$ ). Sendo que os rapazes obtêm valores superiores em todas as condutas, encontrando-se as diferenças mais significativas nas condutas de vandalismo ( $t(98)=5.20$ ;  $p \leq .000$ ) e de agressão ( $t(98)=4.37$ ;  $p \leq .000$ ), seguidas da conduta de roubo ( $t(98)=2.41$ ;  $p \leq .019$ ) e de consumo de drogas ( $t(98)=2.29$ ;  $p \leq .025$ ), na conduta contra normas a diferença entre rapazes e raparigas é tangencialmente significativa ( $t(98)=1.90$ ;  $p \leq .060$ ).

Da tabela em análise sobressaem alguns dados conclusivos que importa desde já registar. Verifica-se que apesar de se observarem diferenças significativas entre as pontuações médias das escalas, essas diferenças não são muito significativas em termos absolutos. Senão vejamos: os valores obtidos no apego aos pais é considerável uma vez que se situa nos 50% da pontuação da escala; na escala de socialização obtêm-se médias ainda mais elevadas, implicando uma elevada satisfação na interação com os pares; em contrapartida, as pontuações na associação a pares desviados é baixa; assim como é baixa a prática individual de condutas anti-sociais, por parte dos jovens da amostra.

Ora, estes resultados sugerem-nos dois tipos de justificação: por um lado, ou se tratam de adolescentes bem integrados nos contextos de socialização e, por isso, adquiriram comportamentos socialmente convencionais, tratando-se as condutas anti-sociais apresentadas de comportamentos típicos da adolescência, no sentido em que é um período de alargamento do campo exploratório (Fleming, 1997), levando à experiência dos limites de tolerância social (Frechette & LeBlanc, 1987); ou por outro, levanta-se a questão da veracidade na resposta dos

questionários, em que os indivíduos tendem a esconder certo tipo e gravidade das condutas anti-sociais e, por isso mesmo, torna pertinente o debate entre o estudo da delinquência enquanto etiqueta e o estudo da delinquência enquanto conduta.

**TABELA 1** - DIFERENÇAS ENTRE AS PONTUAÇÕES MÉDIAS DAS VARIÁVEIS PSICOSSOCIOLOGICAS DO ESTUDO (TEST-T DE STUDENT) EM FUNÇÃO DO GÉNERO.

VARIÁVEIS PSICOSSOCIOLOGICAS		RAPAZES (N=50)		RAPARIGAS (N=50)		G.L.	t	p
		M	D.P.	M	D.P.			
RELATIVAS AO PAI	TOTAL APEGO (0-68)	32.72	17.39	22.86	18.50	98	2.75	.007**
	ALIENAÇÃO (0-32)	10.60	4.75	12.98	5.02	98	-2.43	.017*
	COMUNICAÇÃO (0-32)	18.66	7.14	14.52	7.90	98	2.75	.007**
	CONFIANÇA (0-36)	24.66	7.08	21.32	8.35	98	2.28	.025*
RELATIVAS À MÃE	TOTAL APEGO (0-68)	36.64	13.59	33.20	13.97	98	1.25	.215
	ALIENAÇÃO (0-32)	10.84	4.30	11.64	4.02	98	-.96	.339
	COMUNICAÇÃO (0-32)	20.52	6.33	19.78	6.78	98	.56	.574
	CONFIANÇA (0-36)	26.96	5.50	25.06	5.84	98	1.67	.097
PARES	SOCIALIZAÇÃO PARES (0-36)	27.44	5.71	26.60	6.53	98	.68	.495
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL (0-21)	5.38	3.21	4.32	2.42	98	1.86	.065
CONDUTAS ANTI-SOCIAIS	TOTAL CONDUTAS ANTISOCIAIS (0-246)	21.70	19.98	9.24	9.57	98	3.98	.000***
	AGRESSÃO (0-45)	6.30	5.44	2.62	2.43	98	4.37	.000***
	CONDUTA CONTRA NORMAS (0-39)	4.74	4.81	3.12	3.63	98	1.90	.060
	CONSUMO DROGAS (0-63)	3.24	5.72	1.22	2.48	98	2.29	.025*
	ROUBO (0-54)	2.14	4.21	0.64	1.26	98	2.41	.019*
	VANDALISMO (0-45)	5.28	4.47	1.66	2.07	98	5.20	.000***

\*  $p \leq .05$  \*\* $p \leq .01$  \*\*\* $p \leq .001$

### **3.1.2. Análise da Variância entre as variáveis psicossociológicas e a classe social**

Em função das diferenças encontradas nas variáveis em estudo parece-nos útil analisar a amostra de rapazes e de raparigas em separado. Por agora, iremos analisar as médias e diferenças entre vários grupos tomando como variável independente a classe social e variáveis dependentes o apego aos pais, socialização pares, antinormatividade grupal e as condutas anti-sociais. Por isso, recorreremos à análise da variância, através do teste de Duncan (Anova One Way).

#### **3.1.2.1. Diferenças entre as pontuações médias no apego aos pais para a amostra de rapazes e raparigas em função da classe social**

Conforme indica a TABELA 2 verificamos que os rapazes da classe média-alta pontuam mais elevado no apego ao pai ( $M=42.12$ ;  $DP=17.18$ ) que os rapazes das restantes classes, embora seguidos da classe baixa ( $M=35.45$ ;  $DP=14.81$ ). Esta tendência mantém-se em todas as dimensões do apego, i. e., pontuam mais baixo na alienação e mais alto na comunicação e confiança com o pai. De salientar que rapazes da classe média parecem sentir-se mais alienados do pai ( $M=12.69$ ;  $DP=4.74$ ) que os das restantes classes. Não se verificam, porém, diferenças significativas entre grupos.

Relativamente às raparigas (TABELA 3) são as da classe média que sentem mais apego ao pai ( $M=30.70$ ;  $DP=20.44$ ), seguidas das raparigas da classe média-alta ( $M=20.29$ ;  $DP=11.72$ ). As raparigas que sentem maior alienação relativamente ao pai são as da classe média-baixa ( $M=13.65$ ;  $DP=4.66$ ), seguidas das da classe baixa ( $M=13.10$ ;  $DP=5.75$ ). Verificam-se diferenças tangencialmente significativas na comunicação com o pai entre as raparigas da classe média e da classe média-baixa a favor das primeiras ( $F(4)=1.55$ ;  $p\leq .204$ ).

Quanto ao apego à mãe (TABELA 4) verificamos que os rapazes da classe média-alta são os que obtêm resultados mais elevados ( $M=45.75$ ;  $DP=7.52$ ), verificando-se diferenças entre os rapazes deste grupo e os da classe média ( $F(4)=1,85$ ;  $p\leq .151$ ). Os rapazes da classe média são os que se sentem mais alienados da mãe ( $M=11.94$ ;  $DP=4.78$ ), seguidos dos da classe baixa. Verifica-se, ainda, que os rapazes da classe média-alta comunicam mais com a mãe que os da classe média ( $F(4)=2.09$ ;  $p\leq .114$ ), e que os mesmos confiam mais na mãe que os da classe média e média-baixa, com diferenças significativas entre grupos ( $F(4)=3.42$ ;  $p\leq .025$ ).

De acordo com a TABELA 5, verificamos que as raparigas da classe média são as que sentem maior apego à mãe ( $M=40.33$ ;  $DP=15.42$ ), e depois as da classe baixa ( $M=33.90$ ;  $DP=13.97$ ), observando-se diferenças marginalmente significativas entre os grupos da classe média e classe média-baixa ( $F(4)=2.40$ ;  $p\leq .064$ ). Significando que as raparigas da classe média sentem maior apego à mãe que as da classe média-baixa. Também as raparigas da classe média comunicam mais com a mãe que as da classe média-baixa ( $F(4)=3.25$ ;  $p\leq .020$ ), sendo esta diferença significativa. As raparigas da classe média-baixa são aquelas que se sentem mais isoladas da mãe ( $M=12.59$ ;  $DP=3.37$ ), mas não se verificam diferenças significativas entre grupos.

**TABELA 2** - ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE O APEGO AO PAI E CLASSE SOCIAL PARA A AMOSTRA DE RAPAZES (N=50)

	<u>CLASSE SOCIAL</u>					M	D.P.	N° casos	F ratio	P
	G1	G2	G3	G4	G5					
<b>APEGO TOTAL</b> (0-68)	<i>Amostra Total</i>					32.72	17.39	50	1.30	.285
	Baixa (G1)					35.45	14.81	11		
	Média-Baixa (G2)					28.67	16.24	15		
	Média (G3)					29.94	19.51	16		
	Média-Alta (G4)					42.12	17.18	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>ALIENAÇÃO</b> (0-32)	<i>Amostra Total</i>					10.60	4.75	50	1.72	.177
	Baixa (G1)					9.64	4.65	11		
	Média-Baixa (G2)					10.07	3.65	15		
	Média (G3)					12.69	4.74	16		
	Média-Alta (G4)					8.75	6.04	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>COMUNICAÇÃO</b> (0-32)	<i>Amostra Total</i>					18.66	7.14	50	1.50	.226
	Baixa (G1)					19.18	5.04	11		
	Média-Baixa (G2)					16.60	6.31	15		
	Média (G3)					18.06	8.83	16		
	Média-Alta (G4)					23.00	6.46	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>CONFIANÇA</b> (0-36)	<i>Amostra Total</i>					24.66	7.08	50	1.33	.277
	Baixa (G1)					25.91	6.28	11		
	Média-Baixa (G2)					22.13	7.58	15		
	Média (G3)					24.56	7.48	16		
	Média-Alta (G4)					27.87	5.62	8		
	Alta (G5)					-	-	-		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

TABELA 3 - ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE O APEGO AO PAI E CLASSE SOCIAL PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50)

		CLASSE SOCIAL					M	D.P.	N° casos	F ratio	p
		G1	G2	G3	G4	G5					
APEGO TOTAL (0-68)	<i>AmostraTotal</i>						22.86	19.39	50	.99	.424
	Baixa (G1)						20.10	22.88	10		
	Média-Baixa (G2)						18.65	18.59	17		
	Média (G3)						30.73	20.44	15		
	Média-Alta (G4)						20.29	11.72	7		
	Alta (G5)						22.00	-	1		
ALIENAÇÃO (0-32)	<i>AmostraTotal</i>						12.98	5.02	50	.155	.960
	Baixa (G1)						13.10	5.72	10		
	Média-Baixa (G2)						13.65	4.66	17		
	Média (G3)						12.47	5.49	15		
	Média-Alta (G4)						12.57	5.06	7		
	Alta (G5)						11.00	-	1		
COMUNICAÇÃO (0-32)	<i>AmostraTotal</i>						14.52	7.90	50	1.55	.204
	Baixa (G1)						13.00	10.01	10		
	Média-Baixa (G2)						12.59	7.19	17		
	Média (G3)			*			18.67	7.87	15		
	Média-Alta (G4)						12.86	3.89	7		
	Alta (G5)						12.00	-	1		
CONFIANÇA (0-36)	<i>AmostraTotal</i>						21.32	8.35	50	.79	.538
	Baixa (G1)						20.20	9.83	10		
	Média-Baixa (G2)						19.71	8.88	17		
	Média (G3)						24.53	7.67	15		
	Média-Alta (G4)						20.00	6.30	7		
	Alta (G5)						21.00	-	1		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 4 - ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE O APEGO À MÃE E CLASSE SOCIAL PARA A AMOSTRA DE RAPAZES (N=50)**

	CLASSE SOCIAL					M	D.P.	N° casos	F rati o	p
	G1	G2	G3	G4	G5					
<b>APEGO TOTAL</b> (0-68)	<i>Amostra Total</i>					36.64	13.59	50	1.85	.151
	Baixa (G1)					37.27	11.56	11		
	Média-Baixa (G2)					35.93	14.65	15		
	Média (G3)					32.31	14.17	16		
	Média-Alta (G4)					45.75	7.52	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>ALIENAÇÃO</b> (0-32)	<i>Amostra Total</i>					12.84	4.30	50	.71	.552
	Baixa (G1)					11.09	2.39	11		
	Média-Baixa (G2)					9.73	4.56	15		
	Média (G3)					11.94	4.78	16		
	Média-Alta (G4)					10.37	5.01	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>COMUNICAÇÃO</b> (0-32)	<i>Amostra Total</i>					20.52	6.33	50	2.09	.114
	Baixa (G1)					19.27	6.07	11		
	Média-Baixa (G2)					20.60	6.82	15		
	Média (G3)					18.94	6.54	16		
	Média-Alta (G4)					25.25	3.10	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>CONFIANÇA</b> (0-36)	<i>Amostra Total</i>					26.96	5.49	50	3.42	.025*
	Baixa (G1)					29.09	4.30	11		
	Média-Baixa (G2)					25.07	6.02	15		
	Média (G3)					25.31	5.68	16		
	Média-Alta (G4)					30.87	2.23	8		
	Alta (G5)					-	-	-		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

TABELA 5 - ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE O APEGO À MÃE E CLASSE SOCIAL PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50)

		CLASSE SOCIAL					M	D.P.	Nº casos	F ratio	p
		G1	G2	G3	G4	G5					
APEGO TOTAL (0-68)	<i>Amostra Total</i>						33.20	13.97	50	2.40	.064
	Baixa (G1)						33.90	17.20	10		
	Média-Baixa (G2)						26.29	9.97	17		
	Média (G3)		*				40.33	15.42	15		
	Média-Alta (G4)						32.29	7.11	7		
	Alta (G5)						43.00	-	1		
ALJENAÇÃO (0-32)	<i>Amostra Total</i>						11.64	4.02	50	.56	.689
	Baixa (G1)						10.90	4.58	10		
	Média-Baixa (G2)						12.59	3.37	17		
	Média (G3)						10.73	5.05	15		
	Média-Alta (G4)						12.42	2.07	7		
	Alta (G5)						11.00	-	1		
COMUNICAÇÃO (0-32)	<i>Amostra Total</i>						19.78	6.78	50	3.25	.020*
	Baixa (G1)						20.10	8.29	10		
	Média-Baixa (G2)						16.06	4.44	17		
	Média (G3)		*				23.67	7.04	15		
	Média-Alta (G4)						19.14	4.49	7		
	Alta (G5)						26.00	-	1		
CONFIANÇA (0-36)	<i>Amostra Total</i>						25.06	5.84	50	1.35	.267
	Baixa (G1)						24.70	8.81	10		
	Média-Baixa (G2)						22.82	4.94	17		
	Média (G3)						27.40	4.70	15		
	Média-Alta (G4)						25.57	3.99	7		
	Alta (G5)						28.00	-	1		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### **3.1.2.2. Diferenças entre as pontuações médias nas variáveis do grupo de pares para a amostra de rapazes e raparigas em função da classe social**

Da leitura da TABELA 6 deduz-se que os rapazes da classe média-alta tendem a sentir-se mais satisfeitos na relação com os pares ( $M=28.87$ ;  $DP=4.49$ ), embora as diferenças entre grupos não sejam significativas.

Quanto à associação a pares desviados verifica-se que os rapazes da classe média tendem mais a relacionar-se com pares desviados comparativamente aos rapazes dos restantes grupos sociais ( $M=6.25$ ;  $DP=4.04$ ), seguidos dos rapazes da classe média-baixa ( $M=5.80$ ;  $DP=2.48$ ). Verificando-se diferenças marginalmente significativas entre os grupos da classe média e média-baixa em relação ao grupo da classe baixa ( $F(4)=2.46$ ;  $p \leq .075$ ). Assim, os rapazes das classes média-baixa e média têm maior tendência para se associarem a pares desviados comparativamente aos rapazes da classe baixa.

Segundo os dados da TABELA 7, as raparigas da classe média são as que mais satisfação obtêm da relação com os pares ( $M=31.20$ ;  $DP=3.05$ ), sendo que esta diferença é bastante significativa entre as raparigas deste grupo e as da classe baixa e média-baixa ( $F(4)=4.37$ ;  $p \leq .004$ ). Significando então que as raparigas da classe média sentem mais satisfação na relação com os pares que as raparigas das classes baixa e média-baixa.

Quanto à associação a pares desviados não se verificam diferenças significativas entre grupos. Contudo, são as raparigas da classe média-alta as que mais tendem para a associação a pares desviados ( $M=5.43$ ;  $DP=2.22$ ), seguidas das raparigas da classe média.

**TABELA 6** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIALIZAÇÃO COM PARES E ANTINORMATIVIDADE GRUPAL E A CLASSE SOCIAL, PARA A AMOSTRA DE RAPAZES (N=50)

	CLASSE SOCIAL					M	D.P.	Nº casos	F ratio	P
	G1	G2	G3	G4	G5					
<b>SOCIALIZAÇÃO PARES (0-36)</b>	<i>Amostra Total</i>					27.44	5.71	50	.87	.462
	Baixa (G1)					25.55	6.52	11		
	Média-Baixa (G2)					28.07	5.44	15		
	Média (G3)					27.44	6.10	16		
	Média-Alta (G4)					28.87	4.49	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>ANTINORMATIVIDADE GRUAPAL (0-21)</b>	<i>Amostra Total</i>					5.38	3.21	50	2.46	.075
	Baixa (G1)					3.18	1.99	11		
	Média-Baixa (G2)					*	5.80	2.48	15	
	Média (G3)					*	6.25	4.04	16	
	Média-Alta (G4)						5.87	3.04	8	
	Alta (G5)					-	-	-		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 7** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIALIZAÇÃO COM PARES E ANTINORMATIVIDADE GRUPAL E A CLASSE SOCIAL, PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50)

	CLASSE SOCIAL					M	D.P.	Nº casos	F ratio	p
	G1	G2	G3	G4	G5					
<b>SOCIALIZAÇÃO PARES (0-36)</b>	<i>Amostra Total</i>					26.60	6.53	50	4.37	.004**
	Baixa (G1)					21.00	8.81	10		
	Média-Baixa (G2)					25.94	5.40	17		
	Média (G3)					*	*	31.20	3.05	15
	Média-Alta (G4)					26.71	4.99	7		
	Alta (G5)					24.00	-	1		
<b>ANTINORMATIVIDADE GRUAPAL (0-21)</b>	<i>Amostra Total</i>					4.32	2.42	50	.73	.579
	Baixa (G1)					3.60	2.27	10		
	Média-Baixa (G2)					4.12	2.17	17		
	Média (G3)					4.60	2.90	15		
	Média-Alta (G4)					5.43	2.22	7		
	Alta (G5)					3.00	-	1		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### **3.1.2.3. Diferenças entre as pontuações médias nas condutas anti-sociais para a amostra de rapazes e raparigas em função da classe social**

Para a análise das médias e diferenças entre a classe social e condutas anti-sociais (TABELA 8), no grupo dos rapazes, verificamos diferenças significativas entre grupos, seguindo estas diferenças uma tendência: a prática de actividades delinquentes parece situar-se com maior incidência nas classes média (M=31.37; DP=24.39) e média-alta (M=30.62; DP=24.85). Sendo em determinadas condutas a vantagem para a primeira e noutras condutas para a segunda. Verificamos que as diferenças são significativas entre a classe média e as classes baixa e média-baixa, e entre a classe média-alta e a classe baixa ( $F(4)=4.76$ ;  $p \leq .006$ ).

Na análise das várias dimensões das condutas anti-sociais verificamos que as condutas de agressão (M=6.30; DP=5.44) e vandalismo (M=5.28; DP=4.47) são as mais praticadas pelos rapazes. Seguidas da conduta contra normas (M=4.74; DP=4.81) e consumo de drogas (M=3.24; DP=5.71). Por último, encontramos as condutas de roubo (M=2.14; DP=4.21).

Quanto às diferenças entre classes, verificamos que são significativas para todas as dimensões da conduta. Assim, para as condutas de agressão existem diferenças significativas entre a classe média e a classe baixa ( $F(4)=3.71$ ;  $p \leq .020$ ); para as condutas de consumo de drogas, a diferença só é significativa entre a classe média-alta e a classe baixa e média baixa ( $F(4)=3.44$ ;  $p \leq .024$ ); para a conduta contra normas, as classes média e média-alta apresentam diferenças significativas relativamente à classe baixa ( $F(4)= 3.71$ ;  $p \leq .032$ ); as condutas de vandalismo também registam diferenças significativas entre as classes média e média-alta e a classe baixa ( $F(4)=3.15$ ;  $p \leq .034$ ), e; por fim, as condutas de roubo apresentam diferenças significativas entre a classe média e as classes baixa e média-baixa ( $F(4)=2.69$ ;  $p \leq .057$ ).

Este dados indicam que os rapazes da classe média praticam mais condutas anti-sociais que os da classe baixa e média-baixa, enquanto os rapazes da classe média-alta praticam mais condutas anti-sociais, quando comparados com os da classe baixa.

Para a análise da TABELA 9 não consideraremos a classe alta, pois trata-se de um único caso no total da amostra. A referida tabela sugere um dado indicativo curioso para as raparigas, a respeito das condutas anti-sociais, ou seja, parece haver uma tendência para aumentar a frequência das condutas anti-sociais à medida que aumenta a classe social.

Verificamos que, na escala das condutas anti-sociais, as raparigas pontuam no sentido crescente quanto à classe social. Sendo as raparigas da classe média-alta aquelas em que se observa maior frequência de condutas anti-sociais ( $M=14.29$ ;  $DP=11.80$ ), e nas da classe baixa o menor número de condutas anti-sociais praticadas ( $M=3.80$ ;  $DP=4.61$ ). Registam-se, portanto, diferenças significativas entre as raparigas da classe social média-alta e da classe baixa ( $F(4)=1.60$ ;  $p \leq .192$ ), quanto à prática de condutas anti-sociais.

Quanto ao tipo de condutas anti-sociais que as raparigas demonstram maior aptidão, observam-se as condutas contra normas ( $M=3.12$ ;  $DP=3.63$ ), seguidas das condutas de agressão ( $M=2.62$ ;  $DP=2.43$ ). A conduta de roubo é aquela que demonstra menor prática ( $M=.64$ ;  $DP=1.26$ ).

Quanto às diferenças significativas entre os grupos de classes sociais, verificam-se apenas as seguintes: na conduta de roubo existe uma diferença considerável entre a classe média-alta e as três classes anteriores ( $F(4)=4.75$ ;  $p \leq .003$ ); na conduta contra normas verificam-se diferenças significativas entre as classes média-alta, média e média-baixa, respectivamente, em relação à classe baixa ( $F(4)=2.76$ ;  $p \leq .039$ ); nas restantes condutas não

se observam diferenças significativas. Observa-se, portanto, que as raparigas da classe social média-alta têm mais tendência para as condutas anti-sociais que as das restantes classes inferiores, embora a diferença só seja significativa entre aquelas e as da classe baixa. Essas condutas traduzem-se, essencialmente, em condutas contra normas e agressões.

**TABELA 8 – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS E CLASSE SOCIAL, PARA A AMOSTRA DE RAPAZES (N=50)**

	CLASSE SOCIAL					M	D.P.	Nº casos	F ratio	p
	G1	G2	G3	G4	G5					
<b>CONDUTAS ANTI-SOCIAIS (0-246)</b>	<i>AmostraTotal</i>					21.70	19.98	50	4.76	.006**
	Baixa (G1)					7.73	3.17	11		
	Média-Baixa (G2)					16.87	10.62	16		
	Média (G3)	*	*			31.37	24.39	15		
	Média-Alta (G4)	*				30.62	24.85	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>AGRESSÃO (0-45)</b>	<i>AmostraTotal</i>					6.30	5.44	50	3.71	.020*
	Baixa (G1)					2.64	1.43	11		
	Média-Baixa (G2)					5.60	4.94	16		
	Média (G3)	*				9.06	5.77	15		
	Média-Alta (G4)					7.12	6.62	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>CONDUTA CONTRA AS NORMAS (0-39)</b>	<i>AmostraTotal</i>					4.74	4.81	50	3.71	.032*
	Baixa (G1)					2.00	1.48	11		
	Média-Baixa (G2)					3.60	2.41	16		
	Média (G3)	*				6.62	6.29	15		
	Média-Alta (G4)	*				6.87	5.84	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>CONSUMO DE DROGAS (0-63)</b>	<i>AmostraTotal</i>					3.24	5.71	50	3.44	.024*
	Baixa (G1)					.45	.52	11		
	Média-Baixa (G2)					3.60	3.04	16		
	Média (G3)					6.62	6.03	15		
	Média-Alta (G4)	*	*			6.87	9.49	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>ROUBO (0-54)</b>	<i>AmostraTotal</i>					2.14	4.21	50	2.69	.057
	Baixa (G1)					.36	.50	11		
	Média-Baixa (G2)					1.13	1.06	16		
	Média (G3)	*	*			4.37	6.80	15		
	Média-Alta (G4)					2.00	2.00	8		
	Alta (G5)					-	-	-		
<b>VANDALISMO (0-45)</b>	<i>AmostraTotal</i>					5.28	4.47	50	3.15	.034*
	Baixa (G1)					2.27	1.64	11		
	Média-Baixa (G2)					4.87	3.66	16		
	Média (G3)	*				6.81	4.98	15		
	Média-Alta (G4)	*				7.12	5.67	8		
	Alta (G5)					-	-	-		

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 9 – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS E CLASSE SOCIAL, PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50)**

	CLASSE SOCIAL					M	D.P.	Nº casos	F ratio	p
	G1	G2	G3	G4	G5					
<b>CONDUTAS ANTI-SOCIAIS (0-246)</b>	<i>Amostra Total</i>					9.24	9.56	50	1.60	.192
	Baixa (G1)					3.80	4.61	10		
	Média-Baixa (G2)					9.82	7.34	17		
	Média (G3)					9.27	12.05	15		
	Média-Alta (G4)	*				14.29	11.80	7		
	Alta (G5)					18.00	-	1		
<b>AGRESSÃO (0-45)</b>	<i>Amostra Total</i>					2.62	2.43	50	.39	.815
	Baixa (G1)					1.80	2.25	10		
	Média-Baixa (G2)					2.65	2.09	17		
	Média (G3)					2.87	2.95	15		
	Média-Alta (G4)					3.14	2.67	7		
	Alta (G5)					3.00	-	1		
<b>CONDUTA CONTRA AS NORMAS (0-39)</b>	<i>Amostra Total</i>					3.12	3.63	50	2.76	.039*
	Baixa (G1)					.30	.67	10		
	Média-Baixa (G2)	*				3.59	2.65	17		
	Média (G3)	*				3.27	4.53	15		
	Média-Alta (G4)	*				5.14	4.37	7		
	Alta (G5)					7.00	-	1		
<b>CONSUMO DE DROGAS (0-63)</b>	<i>Amostra Total</i>					1.22	2.48	50	.43	.787
	Baixa (G1)					.30	.48	10		
	Média-Baixa (G2)					1.41	2.34	17		
	Média (G3)					1.40	3.64	15		
	Média-Alta (G4)					1.57	1.90	7		
	Alta (G5)					2.00	-	1		
<b>ROUBO (0-54)</b>	<i>Amostra Total</i>					.64	1.26	50	4.75	.003**
	Baixa (G1)					.10	.32	10		
	Média-Baixa (G2)					.35	.70	17		
	Média (G3)					.53	.74	15		
	Média-Alta (G4)	*	*	*		2.00	2.51	7		
	Alta (G5)	*	*	*		3.00	-	1		
<b>VANDALISMO (0-45)</b>	<i>Amostra Total</i>					1.66	2.06	50	.712	.585
	Baixa (G1)					1.30	1.83	10		
	Média-Baixa (G2)					1.82	2.27	17		
	Média (G3)					1.20	1.86	15		
	Média-Alta (G4)					2.57	2.44	7		
	Alta (G5)					3.00	-	1		

\*P ≤ .05; \*\*P ≤ .01; \*\*\*P ≤ .001

### **3.1.3. Análise da Variância das variáveis psicossociológicas em função da idade**

Do mesmo modo que acabámos de realizar a análise da variância entre as variáveis psicossociológicas e a classe social, iremos agora analisar as diferenças entre as pontuações médias da amostra nas variáveis psicossociológicas (variáveis dependentes) e os 4 grupos de idades (variáveis independentes). Para melhor analisarmos as diferenças entre grupos mantemos a amostra separada, quanto ao género.

#### **3.1.3.1. Diferenças entre as pontuações médias no apego aos pais para a amostra de rapazes e raparigas em função da idade**

A TABELA 10 informa-nos, relativamente ao apego ao pai, que os rapazes de 17 anos são os que menor apego sentem ( $M=25,58$ ;  $DP=16,65$ ), quando comparados com as restantes idades. Consequentemente, são os jovens de 17 anos, os que se sentem mais isolados relativamente ao pai ( $M=12,00$ ;  $DP=6,05$ ). Aos 18 anos a vinculação parece aumentar ( $M=32,00$ ;  $DP=5,01$ ). Contudo, as diferenças entre os grupos de idades não são significativas.

A TABELA 11 demonstra, de modo similar, que as raparigas sentem menor vinculação ao pai aos 17 anos ( $M=12,67$ ;  $DP=15,85$ ), subindo para o dobro aos 18 anos ( $M=26,00$ ;  $DP=22,40$ ). Verifica-se uma diferença marginalmente significativa, em termos de apego ao pai para as raparigas, entre o grupo dos 17 anos e o dos 16 anos ( $F(3)=2,27$ ;  $p \leq .092$ ). Sendo a idade dos 16 anos onde se verifica, para as raparigas, a maior vinculação ao pai ( $M=30,61$ ;  $DP=15,95$ ), especialmente na dimensão da confiança.

Este resultado parece dever-se ao facto de, na sua generalidade, as raparigas comunicarem menos com o pai ( $M=14,52$ ;  $DP=7,90$ ) do que os rapazes ( $M=18,66$ ;  $DP=6,88$ ).

**TABELA 10** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DO APEGO AO PAI E IDADE, PARA A AMOSTRA DE RAPAZES (N=50).

	IDADE				M	D.P.	Nº casos	F Ratio	P
	15	16	17	18					
APEGO TOTAL (0-68)	15				37.23	15.29	13	1.08	.365
	16				35.46	18.63	13	---	---
	17				25.58	16.65	12	---	---
	18				32.00	18.65	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				32.72	17.39	50	---	---
ALJENACÃO (0-32)	15				9.64	4.25	13	.618	.607
	16				10.08	4.54	13	---	---
	17				12.00	5.01	12	---	---
	18				10.92	5.44	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				10.60	4.75	50	---	---
COMUNICAÇÃO (0-32)	15				19.77	7.12	13	.94	.431
	16				19.77	8.28	13	---	---
	17				15.67	6.05	12	---	---
	18				19.25	6.88	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				18.66	6.88		---	---
CONFIANÇA (0-36)	15				27.00	6.20	13	1.28	.292
	16				25.77	6.97	13	---	---
	17				21.92	7.06	12	---	---
	18				23.67	7.82	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				24.66	7.08	50	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 11** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DO APEGO AO PAI E IDADE, PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50).

	IDADE				M	D.P.	Nº casos	F Ratio	P
	15	16	17	18					
APEGO TOTAL (0-68)	15				21.61	16.53	13	2.27	.092
	16		*		30.61	15.95	13	---	---
	17				12.67	15.85	12	---	---
	18				26.00	22.40	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				22.86	18.51	50	---	---
ALIENAÇÃO (0-32)	15				13.85	4.53	13	1.74	.172
	16				10.92	4.46	13	---	---
	17				15.08	4.85	12	---	---
	18				12.12	5.77	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				12.98	5.02	50	---	---
COMUNICAÇÃO (0-32)	15				13.69	6.80	13	1.21	.318
	16				16.92	6.80	13	---	---
	17				11.42	7.51	12	---	---
	18				15.92	10.02	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				14.52	7.90	50	---	---
CONFIANÇA (0-36)	15				21.77	6.67	13	2.34	.086
	16		*		24.61	6.37	13	---	---
	17				16.33	8.01	12	---	---
	18				22.25	10.60	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				21.32	8.35	50	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

Quanto ao apego à mãe a tendência mantém-se, i. e., o apego é menor aos 17 anos ( $M=30.66$ ;  $DP=12.26$ ), na amostra dos rapazes, embora as diferenças não sejam significativas. Encontramos diferenças marginalmente significativas apenas ao nível da comunicação ( $F(3)=1.96$ ;  $p\leq.133$ ) entre o grupo dos 18 anos ( $M=22.23$ ;  $DP=6.83$ ) e o grupo dos 17 anos ( $M=16.83$ ;  $DP=5.78$ ). Assim, verificamos que os rapazes de 17 anos comunicam menos com a mãe quando comparados com os rapazes de 18 anos. Nas restantes dimensões do apego não se detectam quaisquer diferenças significativas em termos de idade. (ver TABELA 12).

Segundo a TABELA 13, as raparigas sentem menor apego à mãe aos 17 anos ( $M=25.42$ ;  $DP=10.97$ ), diferenciando-se significativamente ( $F(3)=3.11$ ;  $p\leq.035$ ) das raparigas de 16 anos ( $M=39.46$ ;  $DP=14.29$ ) e das de 15 anos ( $M=37.38$ ;  $DP=10.48$ ). Quanto à alienação à mãe, esta é mais elevada aos 17 anos ( $M=14.17$ ;  $DP=3.21$ ), observando-se diferenças significativas ( $F(3)=2.79$ ;  $p\leq.051$ ) entre este grupo e os dos 16 e dos 15 anos. Outra diferença, marginalmente significativa ( $F(3)=2.63$ ;  $p\leq.061$ ), observa-se ao nível da comunicação com a mãe, entre as raparigas de 17 anos ( $M=16.33$ ;  $DP=6.02$ ) e as de 16 anos ( $M=23.00$ ;  $DP=6.48$ ).

Concluindo, podemos observar que os rapazes manifestam maior apego ao pai que as raparigas em todas as idades. Quanto aos rapazes não se observam diferenças significativas entre idades, no apego ao pai. Entre as raparigas as diferenças são marginalmente significativas no apego ao pai, entre o grupo dos 17 e dos 16 anos. Esta diferença concretiza-se em termos da confiança com o pai, nas raparigas, diferindo o grupo dos 17 ( $M=16.33$ ;  $DP=8.01$ ) do dos 16 anos ( $M=24.61$ ;  $DP=6.37$ ).

Relativamente ao apego à mãe, verificamos que os rapazes de 18 anos comunicam mais que os de 17 anos, e que as raparigas de 17 comunicam menos que as de 16; as raparigas de 17 sentem-se mais isoladas que as de 15 e 16 anos.

**TABELA 12 – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DO APEGO À MÃE E IDADE, PARA A AMOSTRA DE RAPAZES (N=50)**

		IDADE				M	D.P.	Nº casos	F ratio	P
		15	16	17	18					
APEGO TOTAL (0-68)	15				39.61	13.27	13	1.07	.373	
	16				38.15	11.71	13	---	---	
	17				30.66	12.26	12	---	---	
	18				37.75	16.63	12	---	---	
	<i>Amostra Total</i>				36.64	13.59	50			
ALIENAÇÃO (0-32)	15				9.31	3.20	13	.83	.485	
	16				10.92	4.67	13	---	---	
	17				11.83	3.54	12	---	---	
	18				11.41	5.81	12	---	---	
	<i>Amostra Total</i>				10.84	4.30	50	---	---	
COMUNICAÇÃO (0-32)	15				21.54	6.42	13	1.96	.133	
	16				21.23	5.52	13	---	---	
	17				16.83	5.78	12	---	---	
	18			*	22.33	6.83	12	---	---	
	<i>Amostra Total</i>				20.52	6.33	50	---	---	
CONFIANÇA (0-36)	15				27.38	6.04	13	.35	.791	
	16				27.84	4.58	13	---	---	
	17				25.67	4.81	12	---	---	
	18				26.83	6.77	12	---	---	
	<i>Amostra Total</i>				26.96	5.50	50	---	---	

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 13** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DO APEGO À MÃE E IDADE, PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50)

	IDADE				M	D.P.	Nº casos	F ratio	P
	15	16	17	18					
APEGO TOTAL (0-68)	15		*		37.38	10.48	13	3.11	.035*
	16		*		39.46	14.29	13	---	---
	17				25.42	10.97	12	---	---
	18				29.67	16.42	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				33.20	13.97	50	---	---
ALIENAÇÃO (0-32)	15				10.77	4.25	13	2.79	.051*
	16				11.00	3.98	13	---	---
	17	*	*		14.17	3.21	12	---	---
	18				11.83	3.69	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				11.04	4.02	50	---	---
COMUNICAÇÃO (0-32)	15				21.15	4.88	13	2.63	.061*
	16		*		23.00	6.48	13	---	---
	17				16.33	6.02	12	---	---
	18				18.25	8.17	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				19.78	6.78	50	---	---
CONFIANÇA (0-36)	15				27.00	3.34	13	1.54	.216
	16				26.46	4.77	13	---	---
	17				23.25	5.20	12	---	---
	18				23.25	8.60	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				25.06	5.84	50	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### **3.1.3.2. Diferenças entre as pontuações médias nas variáveis do grupo de pares para a amostra de rapazes e raparigas em função da idade**

Segundo os dados da TABELA 14 não se observam diferenças significativas entre os vários grupos de idades, para a amostra de rapazes, no que respeita às variáveis do grupo de pares.

No entanto, na amostra dos rapazes verificamos que a satisfação na relação com os pares diminui à medida que a idade aumenta: aos 15 anos temos o valor máximo (M=28.92; DP=5.85) e aos 18 anos o valor mínimo (M=22.33; DP=5.69). Contudo, os resultados na escala da sociabilidade são bastante elevados, em 32 pontos possíveis a média situa-se nos 27.44.

A respeito da antinormatividade grupal na amostra dos rapazes, observa-se que a associação a pares desviados aumenta com a idade: mínimo aos 15 (M=3.92; DP=1.66) e o máximo aos 18 anos (M=6.92; DP=3.45). Enquanto na amostra das raparigas parece alternar de idade para idade, sendo os valores mais elevados atingidos aos 15 anos (M=4.85; DP=2.03) e aos 18 anos (M=4.42; DP=2.84). No entanto, a respeito da associação a pares desviados, não se verificam diferenças significativas entre as várias idades, para ambas as amostras, apesar dos rapazes manifestarem maior tendência para a associação a pares desviados que as raparigas (M=5.38; DP=3.21 vs M=4.32; DP=2.42).

A respeito do grau de sociabilidade, também nas raparigas decresce com a idade, sendo a diferença marginalmente significativa entre o grupo dos 15 e dos 18 anos ( $F(3)=2.47$ ;  $p \leq .074$ ). Este valor indica que as raparigas de 15 anos obtêm mais satisfação na relação com os pares que as raparigas de 18 anos.

**TABELA 14** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DO GRUPO DE PARES E IDADE, PARA AS AMOSTRAS DE RAPAZES E RAPARIGAS.

		IDADE				M	D.P.	Nº casos	F ratio	P
		15	16	17	18					
RAPAZES (N=50)	SOCIALIZAÇÃO PARES (0-36)	15				28.92	5.85	13	.91	.445
		16				28.15	4.95	13	---	---
		17				27.17	6.39	12	---	---
		18				22.33	5.69	12	---	---
		<i>Amostra Total</i>				27.44	5.71	50	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL (0-21)	15				3.92	1.66	13	1.91	.142
		16				5.38	3.18	13	---	---
		17				5.42	3.87	12	---	---
		18				6.92	3.45	12	---	---
		<i>Amostra Total</i>				5.38	3.21	50	---	---
RAPARIGAS (N=50)	SOCIALIZAÇÃO PARES (0-36)	15			*	29.00	4.54	13	2.47	.074
		16				27.46	6.15	13	---	---
		17				27.16	4.15	12	---	---
		18				22.50	8.92	12	---	---
		<i>Amostra Total</i>				26.60	6.53	50	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL (0-21)	15				4.85	2.03	13	.38	.769
		16				4.15	2.30	13	---	---
		17				3.83	2.66	12	---	---
		18				4.42	2.84	12	---	---
		<i>Amostra Total</i>				4.32	2.42	50	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### **3.1.3.3. Diferenças entre as pontuações médias nas várias dimensões da conduta anti-social para a amostra de rapazes e raparigas em função da idade**

Relativamente à amostra dos rapazes, a TABELA 15 informa-nos do aumento com a idade da prática das condutas anti-sociais. Os rapazes de 18 anos demonstram a prática de um maior número de condutas anti-sociais ( $M=36.25$ ;  $DP=24.41$ ), quando comparados com os seus congéneres de 15 e 16 anos ( $M=12.92$ ;  $DP=9.43$  e  $M=16.54$ ;  $DP=9.33$ ), respectivamente. Sendo esta diferença significativa ( $F(3)=3.81$ ;  $p \leq .016$ ).

A mesma tabela demonstra que as actividades delinquentes mais praticadas aos 18 anos são, a conduta de consumo de drogas ( $M=8.92$ ;  $DP=9.22$ ), as condutas contra normas ( $M=8.83$ ;  $DP=6.39$ ), seguidas de perto pela conduta de agressão ( $M=8.08$ ;  $DP=5.90$ ) e a de vandalismo ( $M=7.08$ ;  $DP=5.16$ ) e, por fim, a conduta de roubo ( $M=3.33$ ;  $DP=2.90$ ).

Se analisarmos as condutas preferenciais para os quatro grupos de idades, verificamos que as médias mais elevadas pertencem às condutas de agressão ( $M=6.30$ ;  $DP=5.44$ ) e de vandalismo ( $M=5.28$ ;  $DP=5.16$ ), seguidas, respectivamente, pela conduta contra normas ( $M=4.74$ ;  $DP=4.81$ ), consumo de drogas ( $M=3.24$ ;  $DP=5.71$ ) e roubo ( $M=2.14$ ;  $DP=4.21$ ).

As diferenças significativas entre idades nas várias condutas anti-sociais refletem-se, essencialmente, no consumo de drogas e na conduta contra normas. Na conduta de consumo de drogas, os rapazes de 18 anos realizam significativamente mais esta conduta quando comparados com as restantes idades ( $F(3)=7.34$ ;  $p \leq .0004$ ); na conduta contra normas, são também os rapazes de 18 anos que mais pontuam, diferenciando-se significativamente ( $F(3)=5.72$ ;  $p \leq .002$ ) dos rapazes das restantes idades.

Já tínhamos visto que as raparigas pontuam significativamente mais baixo que os rapazes nas actividades delinquentes (ver tabela 1:  $t=3.98$ ;  $p\leq .000$ ). No entanto, observam-se diferenças na amostra de raparigas, quanto à idade, conforme indica a TABELA 16. Assim, na amostra das raparigas, a prática de actividades delinquentes parece aumentar com a idade, embora as pontuações não sejam muito expressivas (em 246 pontos possíveis obtém-se a média de 9.24).

As condutas anti-sociais mais praticadas pelas adolescentes são respectivamente, a condutas contra normas ( $M=3.12$ ;  $DP=3.63$ ) e a conduta de agressão ( $M=2.62$ ;  $DP=2.43$ ). Contudo, as diferenças entre grupos de idades apenas se verificam na conduta de roubo e na de vandalismo. As diferenças apontam para que aos 18 anos as raparigas pratiquem significativamente mais a conduta de roubo, que no anos anteriores ( $F(3)=2.75$ ;  $p\leq .054$ ), e; aos 18 anos pratiquem significativamente mais vandalismo que aos 16 anos ( $F(3)=2.68$ ;  $p\leq .058$ ).

Curiosamente, ao contrário das restantes condutas que aumentam com a idade, o consumo de drogas atinge o ponto de maior consumo aos 16 anos ( $M=2.08$ ;  $DP=4.35$ ), ainda que este valor não difira significativamente das restantes idades.

**TABELA 15** – ANÁLISE DA VARIÂNCIA, MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DA CONDUTA ANTI-SOCIAL E IDADE, PARA A AMOSTRAS DE RAPAZES (N=50)

	IDADE				M	D.P.	Nº casos	F ratio	p
	15	16	17	18					
CONDUTAS ANTISOCIAIS (0-246)	15				12.92	9.43	13	3.81	.016*
	16				16.54	9.33	13	---	---
	17				22.25	25.23	12	---	---
	18	*	*		36.25	24.41	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				21.70	19.98	50	---	---
AGRESSÃO (0-45)	15				5.15	4.51	13	.83	.48
	16				5.23	4.02	13	---	---
	17				6.92	7.10	12	---	---
	18				8.08	5.90	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				6.30	5.44	50	---	---
CONDUTA CONTRA AS NORMAS (0-39)	15				2.08	1.94	13	5.72	.002**
	16				3.69	2.39	13	---	---
	17				4.66	4.87	12	---	---
	18	*	*	*	8.83	6.39	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				4.74	4.81	50	---	---
CONSUMO DE DROGAS (0-63)	15				.77	1.30	13	7.34	.0004***
	16				1.92	2.87	13	---	---
	17				1.67	1.56	12	---	---
	18	*	*	*	8.92	9.22	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				3.24	5.71	50	---	---
ROUBO (0-54)	15				.92	1.11	13	1.09	.361
	16				1.31	1.03	13	---	---
	17				3.17	7.93	12	---	---
	18				3.33	2.90	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				2.14	4.21	50	---	---
VANDALISMO (0-45)	15				4.00	3.53	13	1.26	.298
	16				4.33	2.60	13	---	---
	17				5.83	5.87	12	---	---
	18				7.08	5.16	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				5.28	5.16	50	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 16 – ANÁLISE DA VARIÂNCIA. MÉDIAS E NÍVEL DE SIGIFICADO (DUNCAN TEST) ENTRE AS VARIÁVEIS DA CONDUTA ANTI-SOCIAL E IDADE, PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS (N=50)**

	IDADE				M	D.P.	Nº casos	F ratio	P
	15	16	17	18					
CONDUTAS ANTISOCIAIS (0-246)	15				7.00	6.38	13	.87	.464
	16				7.85	12.91	13	---	---
	17				9.67	7.61	12	---	---
	18				12.75	10.06	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				9.24	9.56	50	---	---
AGRESSÃO (0-45)	15				2.00	1.30	13	1.40	.256
	16				1.92	2.33	13	---	---
	17				3.17	3.24	12	---	---
	18				3.50	2.43	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				2.62	2.43	50	---	---
CONDUTA CONTRA AS NORMAS (0-39)	15				2.77	2.86	13	.13	.943
	16				2.85	4.69	13	---	---
	17				3.50	2.54	12	---	---
	18				3.42	4.34	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				3.12	3.63	50	---	---
CONSUMO DE DROGAS (0-63)	15				.54	.88	13	1.04	.382
	16				2.08	4.35	13	---	---
	17				.75	.62	12	---	---
	18				1.50	1.93	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				1.22	2.48	50	---	---
ROUBO (0-54)	15				.38	.65	13	2.75	.054*
	16				.31	.85	13	---	---
	17				.42	.79	12	---	---
	18	*	*	*	1.50	2.02	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				.64	1.26	50	---	---
VANDALISMO (0-45)	15				1.31	1.75	13	2.68	.058*
	16				.69	1.80	13	---	---
	17				1.92	2.15	12	---	---
	18		*		2.83	2.17	12	---	---
	<i>Amostra Total</i>				1.66	2.07	50	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### **3.2. Análise Correlacional. Valor do r de Pearson entre as variáveis psicossociológicas dependentes e independentes**

Na análise de correlação procuramos estabelecer padrões de associação entre as variáveis dependentes e independentes do estudo, e entre as variáveis independentes entre si.

#### **3.2.1. Correlações entre o apego aos pais e a relação com os pares (Variáveis Independentes)**

De acordo com a TABELA 17, verificamos que, no grupo dos rapazes, o apego quer ao pai quer à mãe está positivamente correlacionado com a socialização com pares (pai,  $r=.39$ ;  $p\leq.01$ ; mãe,  $r=.32$ ;  $p\leq.05$ ). Mas é na dimensão da confiança aos pais que se traduz essa correlação (pai,  $r=.44$ ;  $p\leq.001$ ; mãe,  $r=.36$ ;  $p\leq.01$ ). Quanto à alienação ao pai pelos rapazes, verificamos que se correlaciona negativamente com a socialização com pares ( $r=-.42$ ;  $p\leq.01$ ); enquanto a alienação à mãe correlaciona-se positivamente com a associação a pares desviados ( $r=.29$ ;  $p\leq.05$ ).

Quanto às raparigas observamos os maiores índices de correlação entre apego e socialização com pares (entre  $r=.34$ ;  $p\leq.01$  e  $r=.54$ ;  $p\leq.001$ ), refletindo-se mais o peso da correlação na dimensão da confiança com os pais (entre  $r=.42$  e  $r=.63$ ,  $p\leq.001$ ), sendo as correlações positivas. O grupo das raparigas obtém ainda as mais elevadas correlações entre o apego e a associação a pares desviados, quando comparadas com o grupo dos rapazes. Assim, o apego à mãe está negativamente correlacionado com a associação a pares desviados ( $r=-.30$ ;  $p\leq.05$ ), enquanto a alienação ao pai está positivamente correlacionado com a mesma associação ( $r=.30$ ;  $p\leq.05$ )

**TABELA 17** - COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO DE PEARSON ENTRE AS VARIÁVEIS DO APEGO AOS PAIS, ANTINORMATIVIDADE GRUPAL E SOCIALIZAÇÃO PARES, PARA AMBOS OS GÊNEROS.

	VARIÁVEIS FAMILIARES	RAPAZES (N=50)		RAPARIGAS (N=50)	
		ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	SOCIALIZAÇÃO PARES	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	SOCIALIZAÇÃO PARES
RELATIVAS AO PAI	APEGO TOTAL	-.11	.39**	-.23	.34**
	ALIENAÇÃO	.04	-.42**	.30*	-.03
	COMUNICAÇÃO	-.11	.21	-.20	.33**
	CONFIANÇA	-.14	.44***	-.14	.42***
RELATIVAS À MÃE	APEGO TOTAL	-.18	.32*	-.30*	.54***
	ALIENAÇÃO	.29*	-.20	.11	-.11
	COMUNICAÇÃO	-.00	.24	-.28*	.49***
	CONFIANÇA	-.23	.36**	-.32*	.63***

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### 3.2.2. Correlações entre o apego a ambos os pais, a relação com os pares (Variáveis Independentes) e as condutas anti-sociais (Variáveis Dependentes)

A TABELA 18 diz respeito à correlação entre o apego a ambos os pais e as condutas anti-sociais dos adolescentes masculinos e femininos. Para o grupo dos rapazes constatam-se correlações positivas e significativas entre a alienação e as condutas de consumo de drogas ( $r=.39$ ) e de roubo ( $r=.29$ ), ambas para um  $p \leq .05$ . Sendo que a alienação parece estar correlacionada, nos rapazes com a conduta delinquente ( $r=.29$ ;  $p \leq .05$ ). Já para as raparigas o apego aos pais está correlacionado com a conduta contra normas ( $r=.28$ ;  $p \leq .05$ ) e a alienação com a mesma conduta ( $r=.33$ ;  $p \leq .05$ ).

Nas variáveis do grupo de pares, observamos que quer para os rapazes quer para as raparigas, a associação a pares desviados é a que obtém maiores correlações com as condutas anti-sociais. Para os rapazes varia entre  $r=.44$  e  $r=.60$  ( $p\leq.001$ ) e para as raparigas as correlações variam entre  $r=.33$  ( $p\leq.01$ ) e  $r=.61$  ( $p\leq.001$ ).

**TABELA 18** - COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO DE PEARSON ENTRE AS VARIÁVEIS DA CONDUTA ANTI-SOCIAL, APEGO À FAMÍLIA, SOCIALIZAÇÃO PARES E ANTINORMATIVIDADE GRUPAL (RELATIVAS A AMBOS OS PAIS), PARA AMBOS OS GÉNEROS

	AGRESSÃO	CONDUTA	CONSUMO	ROUBO	VANDALISMO	DELINQUÊNCIA TOTAL	
<b>RAPAZES (N=50)</b>	APEGO	-.12	.04	-.11	-.14	-.14	-.11
	ALIENAÇÃO	.17	.10	.39*	.29*	.24	.29*
	CONFIANÇA	-.11	.05	-.05	-.08	-.07	-.07
	COMUNICAÇÃO	-.06	.11	-.05	-.07	-.10	-.01
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	.49***	.60***	.49***	.44***	.53***	.63***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	.25	.12	-.08	.10	.22	.15
<b>RAPARIGAS (N=50)</b>	APEGO	-.15	-.28*	-.14	-.05	-.03	-.19
	ALIENAÇÃO	.15	.33*	.19	-.08	.07	.24
	CONFIANÇA	-.15	-.19	-.07	-.00	.06	-.11
	COMUNICAÇÃO	-.12	-.25	-.14	-.07	-.06	-.18
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	.52***	.61***	.39**	.33*	.44**	.60***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	-.14	.17	.14	-.00	-.01	-.06

\* $P \leq .05$ ; \*\* $P \leq .01$ ; \*\*\* $P \leq .001$

### 3.2.3. Correlações entre o apego ao pai e à mãe (Variáveis Independentes) e as condutas anti-sociais (Variáveis Dependentes)

A TABELA 19 refere-se às correlações entre o apego ao pai e condutas anti-sociais e a TABELA 20 refere-se às correlações existentes entre o apego à mãe e as condutas anti-sociais. Separámos o apego das duas figuras parentais para melhor analisarmos a influência de cada uma delas nas condutas delinquentes dos adolescentes, e sabermos quais as dimensões do apego se correlacionam com as condutas em estudo.

Assim, observamos que a correlação encontrada anteriormente entre a alienação aos pais e a conduta de roubo ( $r=.29$ ;  $p\leq.05$ ), nos rapazes, refere-se (ver TABELA 19) a uma correlação positiva entre o isolamento ao pai e o roubo ( $r=.30$ ;  $p\leq.05$ ). Da mesma forma, nas raparigas, a correlação anterior entre a alienação a ambos os pais e a conduta contra normas ( $r=.33$ ;  $p\leq.05$ ), confirma-se agora na TABELA 19, derivar da alienação ao pai. Verificando-se uma correlação positiva entre o isolamento ao pai e a conduta contra normas ( $r=.29$ ;  $p\leq.05$ ), no grupo das raparigas.

A TABELA 20 mostra-nos as correlações entre o apego à mãe e as condutas anti-sociais nos adolescente. Assim, no grupo dos rapazes, observamos ser a alienação à mãe a variável que mais se correlaciona com o consumo de drogas ( $r=.41$ ;  $p\leq.01$ ) e a totalidade das condutas delinquentes ( $r=.29$ ;  $p\leq.05$ ).

No grupo das raparigas aparece-nos uma nova correlação, não verificada na TABELA 18, entre o apego à mãe e a conduta de agressão ( $r=-.32$ ;  $p\leq.05$ ). Assim, a TABELA 20 sugere uma correlação negativa entre o apego à mãe e a agressão.

Em suma, relativamente às dimensões do apego ao pai, parece que nos rapazes o isolamento conduz directamente a condutas de roubo, e; nas raparigas esse mesmo isolamento reflete-se directamente no aumento da conduta contra normas. Sendo o isolamento a dimensão do apego que maiores índices de correlação obtém, ainda que não significativos, com a delinquência total ( $r=.22$  para os rapazes e  $r=.19$  para as raparigas).

Relativamente às dimensões do apego à mãe verificamos que quanto maior for o isolamento dos rapazes maior será a tendência ao consumo de drogas, sendo o efeito directo. Quanto às raparigas, verifica-se que quanto maior for o apego à mãe menor será a tendência para a agressão, tendo o apego um efeito indirecto nessa conduta.

**TABELA 19** - COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO DE PEARSON ENTRE AS VARIÁVEIS DAS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS E APEGO AO PAI, PARA AMBOS OS GÊNEROS

		AGRESSÃO	CONDUTA	CONSUMO	ROUBO	VANDALISMO	DELINQ. TOTAL
<b>RAPAZES (N=50)</b>	APEGO	-.11	.01	-.13	-.19	-.14	-.14
	ALIENAÇÃO	.13	.04	.26	.30*	.18	.22
	CONFIANÇA	-.08	.02	-.09	-.13	-.10	-.10
	COMUNICAÇÃO	-.11	.04	-.04	-.14	-.14	-.09
<b>RAPARIGAS (N=50)</b>	APEGO	-.00	-.27	-.12	-.01	.06	-.12
	ALIENAÇÃO	.13	.29*	.12	.05	.09	.19
	CONFIANÇA	-.02	-.20	-.06	.06	.14	-.05
	COMUNICAÇÃO	.05	-.23	-.15	-.06	.05	-.11

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

**TABELA 20** - COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO DE PEARSON ENTRE AS VARIÁVEIS DAS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS E APEGO À MÃE, PARA AMBOS OS GÊNEROS

		AGRESSÃO	CONDUTA	CONSUMO	ROUBO	VANDALISMO	DELINQ. TOTAL
<b>RAPAZES (N=50)</b>	APEGO	-.10	.06	-.06	-.05	-.10	-.06
	ALIENAÇÃO	.17	.13	.41**	.20	.24	.29*
	CONFIANÇA	-.11	.08	.01	-.01	-.03	-.01
	COMUNICAÇÃO	.00	.15	.15	.02	-.03	.08
<b>RAPARIGAS (N=50)</b>	APEGO	-.32*	-.22	-.13	-.09	-.13	-.24
	ALIENAÇÃO	.13	.25	.21	.09	.03	.20
	CONFIANÇA	-.33*	-.10	-.06	-.07	-.08	-.17
	COMUNICAÇÃO	-.29*	-.21	-.09	.06	-.18	-.23

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001

### **3.3. Análise de Regressão Múltipla “por passos”**

Dado a existência de correlações significativas entre as variáveis independentes e dependentes, pretende-se com a análise de regressão múltipla seleccionar as variáveis independentes (apego aos pais, socialização com pares e antinormatividade grupal) que explicam a maior percentagem de variância de cada uma das condutas anti-sociais.

#### **3.3.1. Análise de Regressão das Condutas Anti-sociais (VD) para a Amostra de Rapazes**

Na TABELA 21 figuram as variáveis independentes que melhor explicam as condutas anti-sociais no grupo dos rapazes. Assim, o poder explicativo de cada variável independente traduz a capacidade preditiva das mesmas para as várias condutas anti-sociais em estudo.

Para a conduta de Agressão foram seleccionadas as variáveis antinormatividade grupal, socialização pares e alienação ao pai, que no seu conjunto explicam 32.2% da variância dessa conduta. Sendo a antinormatividade grupal a variável com maior poder explicativo,  $Beta=.48$ , explicando por si só 22,3% da variância.

A antinormatividade grupal explica 34.9% da variância da conduta contra normas e tem um Coeficiente de Beta de .60.

A conduta de consumo de drogas é explicada pela antinormatividade grupal, a alienação à mãe e pelo apego à mãe. Estas variáveis explicam no seu conjunto 38.6% da variância do consumo de drogas. Sendo a variável com maior peso na equação a alienação à mãe, com um Coeficiente de Beta de .62. Contudo, a antinormatividade grupal é a que explica maior percentagem de variância (22.7%).

A conduta de roubo surge explicada em 29.3% da variância pela antinormatividade grupal, alienação pai e socialização pares. Sendo a antinormatividade grupal a variável que melhor explica a conduta de roubo, ou seja, por si só explica 17.7% da sua variância (Beta=.44).

A antinormatividade grupal explica, uma vez mais, 27% da variância da conduta de vandalismo, com um Beta de .53.

Em suma, parece que a associação a pares desviados é o maior preditor do comportamento delincente. Pois, explica 38.6% da variância da totalidade das condutas anti-sociais, praticadas pelos adolescentes, com um Coeficiente Beta de .63 ( $p \leq .0001$ ).

**TABELA 21** - ANÁLISE DE REGRESSÃO MÚLTIPLA “POR PASSOS” TENDO COMO VARIÁVEL DEPENDENTE AS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS E VARIÁVEIS INDEPENDENTES AS VARIÁVEIS DE APEGO AOS PAIS, ANTINORMATIVIDADE GRUPAL, E SOCIALIZAÇÃO PARES, PARA A AMOSTRA DE RAPAZES.

	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	PASSOS	VARIÁVEIS SELECCIONADAS	Beta	F	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> AJUSTADO
V. DEPENDENTE: AGRSSÃO	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.48	15.04	.488	.238	.223***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	2	<i>SOCIALIZAÇÃO PARES</i>	.38	10.31	.552	.305	.275**
	FAMILIARES	3	<i>ALIENAÇÃO PAI</i>	.27	8.78	.603	.364	.322*
V. DEPENDENTE: CONDU TA VS NORMAS	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.60	27.37	.602	.363	.349***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: CONSUMO DROGAS	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.39	15.39	.492	.243	.227**
	FAMILIARES	2	<i>ALIENAÇÃO MÃE</i>	.62	11.13	.567	.321	.292***
		3	<i>APEGO MÃE</i>	.45	11.28	.651	.424	.386**
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: ROUBO	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.44	11.56	.440	.194	.177**
	FAMILIARES	2	<i>ALIENAÇÃO PAI</i>	.41	8.78	.521	.271	.241**
	SOCIALIZAÇÃO PARES	3	<i>SOCIALIZAÇÃO PARES</i>	.28	7.76	.580	.336	.293*
V. DEPENDENTE: VANDALISMO	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.53	19.16	.534	.285	.270***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: TOTAL DELINQUÊNCIA	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.63	31.81	.631	.399	.386****
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---

\*P ≤.05; \*\*P ≤.01; \*\*\*P ≤.001; \*\*\*\*P ≤.0001

### 3.3.2. Análise de Regressão das Condutas Anti-sociais (VD) para a Amostra de Raparigas

A TABELA 22 apresenta a capacidade preditiva das variáveis independentes para as diversas condutas anti-sociais, para a amostra de raparigas.

A conduta de agressão, nas raparigas, é explicada apenas pela antinormatividade grupal. Esta variável grupal explica 25.9% da variância da conduta de agressão, com um Coeficiente Beta de .52.

A conduta contra normas é explicada, no seu conjunto, em 44.8% de variância pela antinormatividade grupal, socialização pares e confiança pai. Esta última variável possui um valor de Beta negativo (-.26), isto é, quanto maior a confiança com o pai menor a conduta contra normas. No entanto, a variável que maior peso explicativo possui é a antinormatividade grupal com um Beta=.61, explicando 35.7% da variância desta conduta.

A conduta de consumo de drogas é explicada pela antinormatividade grupal em 13.7% da variância, com um Beta de .39. A antinormatividade grupal explica 9.2% da variância da conduta de roubo, nas raparigas, sendo o Coeficiente de Beta de .38. A conduta de vandalismo é explicada em 17.9% da variância pela antinormatividade grupal, possuindo um Beta de .44.

Por fim, tal como observado no grupo dos rapazes, a associação a pares desviados é variável que melhor explica a generalidade das condutas anti-sociais das raparigas. A antinormatividade grupal explica 34.9% da variância da totalidade do comportamento delinquente das jovens (Beta=.60;  $p \leq .0001$ ).

**TABELA 22** - ANÁLISE DE REGRESSÃO MÚLTIPLA “POR PASSOS” TENDO COMO VARIÁVEL DEPENDENTE AS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS E VARIÁVEIS INDEPENDENTES AS VARIÁVEIS DE APEGO AOS PAIS, ANTINORMATIVIDADE GRUPAL, E SOCIALIZAÇÃO PARES, PARA A AMOSTRA DE RAPARIGAS.

	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	PASSOS	VARIÁVEIS SELECIONADAS	Beta	F	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> AJUSTADO
V. DEPENDENTE: AGRESSÃO	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.52	18.16	.523	.274	.259***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: CONDUTA VS. NORMAS	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.61	28.31	.609	.371	.357***
	SOCIALIZAÇÃO PARES	2	<i>SOCIALIZAÇÃO PARES</i>	.34	17.50	.65	.427	.402**
	FAMILIARES	3	<i>CONFIANÇA PAI</i>	-.26	14.26	.694	.482	.448*
V. DEPENDENTE: CONSUMO DROGAS	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.39	8.78	.393	.154	.137**
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: ROUBO	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.33	6.01	.333	.111	.092*
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: VANDALISMO	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.44	11.69	.442	.195	.179**
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---
V. DEPENDENTE: TOTAL DELINQUÊNCIA	FAMILIARES	---	---	---	---	---	---	---
	ANTINORMATIVIDADE GRUPAL	1	<i>ANTINORMATIVIDADE GRUPAL</i>	.60	27.23	.602	.362	.349****
	SOCIALIZAÇÃO PARES	---	---	---	---	---	---	---

\*P ≤ .05; \*\*P ≤ .01; \*\*\*P ≤ .001; \*\*\*\*P ≤ .0001

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1. A relação Classe Social – Condutas Anti-Sociais

Na discussão da hipótese A4, a existência de diferenças significativas entre classes sociais e delinquência, iremos considerar os resultados do apego aos pais e a relação com os pares entre as várias classes, para melhor percebermos a relação entre as variáveis independentes do estudo.

Constata-se que os rapazes da classe média-alta são os que sentem maior apego ao pai, seguidos dos da classe baixa, enquanto nas raparigas são as da classe média que sentem maior apego. Mas não se verificam diferenças significativas. Relativamente ao apego à mãe os rapazes da classe média-alta voltam a pontuar mais alto que os restantes, sentindo significativamente mais apego que os da classe média, em termos de comunicação, e dos da classe média e média-baixa em termos de confiança. São também as raparigas da classe média que sentem maior apego à mãe, e comunicam significativamente mais que as da classe média-baixa.

A hipótese A1 é confirmada dado a observação de diferenças significativas entre classes sociais e o apego ao pais. Salientam-se, no entanto, dois aspectos: i) os rapazes da classe média-alta pontuam mais alto no apego a ambos os pais que os restantes, e as raparigas da classe média são as que sentem maior apego aos pais; ii) os rapazes demonstram maior apego a ambos os pais que as raparigas, sentindo-se estas significativamente mais isoladas do pai que os rapazes.

Quer os rapazes quer as raparigas demonstram grande satisfação na relação com os pares, observando-se diferenças significativas entre classes apenas no grupo das raparigas. Em

relação às raparigas das classes baixa e média-baixa, as pertencentes à classe média sentem significativamente mais satisfação na relação com os seus pares. Assim, apenas nas raparigas se comprova a hipótese A2.

A hipótese A3 refere-se às diferenças significativas entre classes sociais quanto à associação a pares desviados. Esta hipótese é confirmada para o grupo dos rapazes. Sendo que os rapazes da classe média-baixa e da classe média tendem mais a associar-se a pares desviados quando comparados com os da classe baixa. No grupo das raparigas, são as da classe média-alta que têm maior tendência para a associação a pares desviados, embora os resultados não sejam significativos. Observa-se também que são os jovens da classe baixa que menos se associam a pares desviados, em contrapartida, parecem ser aqueles que sentem menor satisfação nas relações com os pares.

Como já tínhamos referido a prática de condutas anti-sociais não é exclusiva das classes sócio-económica e culturalmente desfavorecidas, como apontam os dados oficiais da delinquência. Pensa-se que a delinquência está presente em todas as classes sociais (Dentler & Monroe, 1961), distribuindo-se de modo igual por toda a estrutura social e predomina maioritariamente nos rapazes (Fréchette & LeBlanc, 1987). Os nossos resultados confirmam-se nesta hipótese, embora admitamos que a quantidade e qualidade da delinquência observada na nossa amostra seja baixa. Em 246 pontos possíveis, os rapazes pontuam um máximo de 31.37 e as raparigas 14.30.

Assim, relativamente à delinquência global dos adolescentes, observam-se diferenças significativas entre classes. Confirmação da hipótese A4. A classe média é a que pontua mais alto, seguida da classe média-alta. Por isso, os rapazes da classe média praticam significativamente mais condutas delinquentes em relação aos da classe baixa e média-baixa.

Os rapazes da classe média-alta praticam significativamente mais condutas anti-sociais que os da classe baixa.

Considerando as condutas anti-sociais isoladamente, observa-se que os rapazes da classe média praticam significativamente mais condutas, de agressão, vandalismo, contra as normas e de roubo, respectivamente, que os da classe baixa; e significativamente mais condutas de roubo que os da classe média-baixa. Observa-se que os rapazes da classe média-alta praticam mais actos de vandalismo que os da classe baixa, consomem significativamente mais droga que os da classe baixa e média-baixa, e têm mais condutas contra normas que os da classe baixa, respectivamente.

No grupo das raparigas, observa-se que as da classe média-alta são as que praticam mais actividades delinquentes. Esta diferença é significativa quando comparadas com as raparigas da classe baixa. Especificando as condutas, verifica-se que as raparigas das classes média-alta, média e média-baixa praticam significativamente mais condutas contra normas que as da classe baixa. Também as raparigas da classe média-alta apresentam significativamente mais condutas de roubo que as das três classes imediatamente inferiores. Confirma-se, portanto, a hipótese A4.

No que respeita à delinquência global, os rapazes das classes média e média-alta destacam-se das restantes classes. Ambas as classes obtêm pontuações próximas nas condutas contra normas, no consumo de drogas e vandalismo. Tendo em comum, sensivelmente, a mesma satisfação nas relações com os pares e tendência para se associarem a pares desviados. No entanto, os rapazes da classe média-alta sentem maior apego aos pais que os das restantes classes, enquanto os rapazes da classe média apresentam a maior alienação a ambos os pais. Estes últimos demonstram maior tendência para a conduta de agressão e de roubo que os

rapazes da classe média-alta. Assim, parece-nos que a diferença entre estes dois grupos sociais, quanto à prática da delinquência, é efectivamente o isolamento sentido relativamente aos pais, pelos rapazes da classe média, levando-os a apresentarem condutas de agressão e de roubo mais elevadas que os da classe média-alta.

Quanto às raparigas observa-se na classe média o maior apego a ambos os pais, maior satisfação na relação com os pares, uma associação a pares desvidos e prática de condutas anti-sociais dentro das médias entre grupos sociais. No entanto, as raparigas da classe média-alta apresentam o maior número de condutas anti-sociais, prevalecendo a conduta contra normas e o roubo, e demonstram menor apego aos pais que as da classe média.

#### **4.2. A relação Idade – Condutas Anti-Sociais**

A prática das condutas anti-sociais, nos rapazes, aumenta dos 15 aos 18 anos atingindo aqui o seu máximo. A diferença entre o grupo dos 18 anos e os grupos de 15 e 16 anos é bastante significativa. Os rapazes de 18 anos praticam mais condutas de agressão, de vandalismo, condutas contra normas, de consumo de drogas e de roubo que os rapazes de idades inferiores. Contudo a diferença observa-se significativa na conduta contra normas ( $F(3)=5.72$ ;  $p\leq.01$ ) e altamente significativa nas condutas ligadas ao consumo de drogas ( $F(3)=7.34$ ;  $p\leq.001$ ). Assim, parece que os rapazes aos 18 anos de idade tendem a cometer mais delitos de estatuto e a preferir comportamentos que proporcionem prazer imediato espelhado no consumo de drogas, quando comparados com os rapazes de idades inferiores.

Dado que não se verificam diferenças significativas entre grupos no apego aos pais, parece-nos que as condutas contra normas e de consumo de drogas demonstradas pelos rapazes de 18 anos são apoiadas pelos resultados da relação com pares. Assim, se por um lado com o aumento da idade diminui a satisfação nas relações com os pares, denotando uma busca

de autonomia e de identidade fora do grupo de pares, por outro lado, o aumento da idade parece sedimentar a selecção de iguais que se comportem e sintam do mesmo modo, já que a associação a pares desviados aumenta com a idade. Outro dado importante parece ser o facto desta busca de autonomia e selecção de pares com que se identificam ser acompanhado, aos 18 anos, de um aumento no apego aos pais.

Furman (1982), afirma a importância do grupo de pares no desenvolvimento emocional e auto-estima dos adolescentes e no estabelecimento de sentimentos de pertença. Penella *et al.* (1982), de modo semelhante defendem que as relações no grupo de pares correspondem a um processo de socialização onde o adolescente adquire normas de conduta e valores morais. Os nossos resultados encontram-se nestes pressupostos.

No grupo das raparigas, a actividade delinvente é bastante inferior ao grupo dos rapazes. No entanto, é também aos 18 anos que demonstram maior aptência para as condutas anti-sociais, preferencialmente condutas de roubo e de vandalismo. O aumento da actividade anti-social aos 18 anos, nas raparigas, parece mais apoiado pelas variáveis do grupo de pares. Nomeadamente, a diminuição da satisfação na relação com os pares. Quanto à associação a pares desviados não parece haver variação significativa ao longo das idades. Outro dado importante é que o aumento das condutas anti-sociais dos 16 para os 17 anos parece estar mais relacionado com a diminuição do apego aos pais (principalmente ao pai) que com a relação com o grupo de pares. Dos 17 para os 18 anos sobe o apego aos pais e também a associação aos pares desviados. Contudo esta associação a pares desviados parece exercer uma influência qualitativamente diferente da exercida nos anos precedentes, já que há uma maior prática de actividades anti-sociais.

Não se comprova a hipótese B1, dado que o apego aos pais nos rapazes e raparigas é menor aos 17 anos mas sobe aos 18 anos. Confirma-se parcialmente a hipótese B2, efectivamente a satisfação na relação com pares convencionais diminui com a idade, mas não se observam diferenças significativas entre grupos nem nos rapazes nem nas raparigas. Confirma-se parcialmente a hipótese B3 para o grupo dos rapazes, pois aumenta a associação a pares desviados, sem diferenças significativas. Para as raparigas não se comprova a hipótese B3. A hipótese B4 é comprovada uma vez que a delinquência aumenta dos 15 para os 18 anos e verificam-se diferenças significativas em várias condutas anti-sociais.

#### **4.3. A relação Apego aos Pais – Grupo de Pares**

As correlações obtidas entre o apego aos pais e o grupo de pares confirmam as hipótese C1.1 e C1.2. Portanto, verificam-se correlações positivas e significativas entre o apego ao pai e à mãe e a satisfação com as relações no grupo de pares, isto para as amostras de rapazes (entre  $r=.32$  e  $r=.39$ ) e raparigas ( $r=.34$  e  $r=.54$ ). A dimensão do apego aos pais que parece obter correlações mais importantes com a satisfação no grupo de pares é a confiança. No entanto, algumas diferenças emergem entre rapazes e raparigas. Se para os rapazes é a confiança que melhor explica a correlação entre apego e sociabilidade, para as raparigas, a confiança obtém correlações ainda mais fortes com a sociabilidade. Por outro lado, a comunicação das raparigas com os pais parece ser mais importante que para os rapazes, no que respeita à correlação entre comunicação e sociabilidade.

Segundo Hirschi (1969), o apego aos pais proporciona modelos adequados de conduta aos filhos, que por sua vez tendem a socializar-se com iguais convencionais. Os nossos resultados vão nesse sentido, uma vez que o apego aos pais parece estar positivamente correlacionado com o grau de satisfação com o grupo de pares (sociabilidade). Do mesmo modo, a teoria do controlo social, assume que o apego aos pais está negativamente correlacionado com a

associação a pares desviados. Assim, se o apego for elevado o indivíduo tende à aceitação das normas e leis sociais. Também este aspecto da teoria de Hirschi (1969) se confirmam como veremos a seguir.

A hipótese C1.2 é confirmada pela tendência do apego aos pais se correlacionar negativamente com antinormatividade, embora os resultados não sejam muito significativos. Assim, os resultados parecem indicar uma tendência: quanto maior for o apego aos pais menor será a tendência dos adolescentes se associarem a pares desviados. Os resultados significativos obtidos indicam-nos o seguinte: no grupo das raparigas quanto mais elevado for o isolamento ao pai, maior será a associação a pares desviados ( $r=.30$ ), e quanto menor for o apego à mãe maior será a mesma associação ( $r=-.30$ ); no grupo dos rapazes, o isolamento à mãe revela-se significativo na associação a pares desviados ( $r=.29$ ).

#### **4.4. A relação Apego aos Pais – Condutas Anti-Sociais**

Os resultados sobre a correlação apego aos pais – delinquência global não são significativos. No entanto, as correlações encontradas são negativas. O que significa que quanto maior for o apego menor será a prática de condutas anti-sociais. Confirmando-se a hipótese C1.3. Note-se que relativamente ao apego ao pai, os rapazes obtiveram uma média de 32.72 e as raparigas 22.86, em 68 pontos possíveis, e; relativamente ao apego à mãe as médias são ainda mais elevadas; enquanto na actividade delinvente os rapazes pontuam em média 21.70 e as raparigas 9.24, em 246 pontos possíveis. Significa, portanto, que na nossa amostra observa-se elevado apego aos pais e baixa actividade delinvente.

Considerando as condutas anti-sociais isoladamente observam-se correlações significativas. No apego ao pai, a dimensão isolamento correlaciona-se positivamente com a conduta de roubo, nos rapazes ( $r=.30$ ), e positivamente com a conduta contra normas, nas

raparigas ( $r=.29$ ). No apego à mãe, a dimensão isolamento correlaciona-se positivamente com o consumo de drogas, nos rapazes ( $r=.41$ ), e o apego correlaciona-se negativamente com a conduta de agressão ( $r=-.32$ ).

Parece, portanto, que o isolamento é a dimensão do apego que obtém as maiores correlações com as condutas anti-sociais dos adolescentes, coincidindo estes resultados com os estudos de Gove & Crutchfield (1982) e McCord (1983), entre outros. Enquanto as dimensões comunicação e confiança apenas se correlacionam negativa e significativamente com a conduta de agressão para as raparigas, quando relativas à mãe.

Assim, a conduta de roubo nos rapazes e a conduta contra normas nas raparigas estão correlacionadas com o isolamento ao pai; a conduta de consumo de drogas nos rapazes está correlacionada com o isolamento à mãe; e a agressão nas raparigas parece ser diminuída pelo apego à mãe.

No que respeita à hipótese C2, o apego como preditor das condutas anti-sociais, esta não é confirmada para a globalidade das condutas delinquentes. No entanto, confirma-se nas condutas quando consideradas isoladamente. Assim, observa-se que o isolamento ao pai explica 4.7% da variância da conduta de agressão e 6.4% da conduta de roubo, no grupo dos rapazes. Já o isolamento à mãe explica 6.5% da variância do consumo de drogas no grupo dos rapazes, sendo a variável com mais peso na equação ( $Beta=.62$ ), e o apego à mãe explica 9.4% da variância do consumo de drogas ( $Beta=.45$ ).

Esta relação positiva observada entre o apego à mãe e o consumo de drogas pelos rapazes vem contrariar os pressupostos da teoria do controlo social de Hirschi (1969), segundo os quais uma forte vinculação às figuras parentais tende a impedir o envolvimento dos filhos em

condutas delinquentes. Vemo-nos então impedidos de fundamentar este resultado sob os pressupostos da teoria do controlo social. Pelo que recorremos a pressupostos clínicos onde o fenómeno da toxicoddependência é frequentemente observado. Assim, segundo Fleming (1997) existe no toxicodependente uma desejada proximidade entre rapaz-mãe que favoreça os aspectos narcisícos e onnipotentes da sua personalidade. Segundo esta autora, após uma consistente revisão teórica, é possível concluir que é frequente encontrar em famílias com um membro toxicodependente alianças patológicas entre pais e filhos, observando-se uma proximidade estreita entre um dos pais e o filho enquanto o outro se mantém numa posição periférica.

No grupo das raparigas a hipótese C2 apenas se confirma para a conduta contra normas. A confiança com o pai explica 4.6% da variância ( $Beta = -.26$ ) da conduta contra normas, nas raparigas. Parecendo que a confiança com a figura paterna desempenha um papel importante na diminuição da conduta contra normas.

Em suma, a dimensão do apego que explica maiores percentagens de variância das condutas anti-sociais, logo maior poder preditivo, para os rapazes, é o isolamento aos pais. Estes resultados coincidem com os de vários estudos, segundo os quais a alienação aos pais é potenciador de delinquência (Bowlby, 1991; Gove & Crutchfield, 1982; Hirschi, 1969; McCord, 1983). Para o grupo das raparigas, só a confiança com o pai parece predizer uma pequena percentagem da conduta contra normas.

#### 4.5. A relação Grupo de Pares – Condutas Anti-Sociais

Como já vimos anteriormente, quer os rapazes quer as raparigas da nossa amostra demonstram elevada satisfação na sua relação com iguais. Talvez por esse motivo as correlações encontradas entre sociabilidade e delinquência individual não sejam muito elevadas nem significativas. A hipótese D1, refere-se a esta correlação, ou seja, se a satisfação nas relações com os pares for elevada as condutas anti-sociais tenderão a ser baixas. Esta hipótese parece não ser confirmada pelos resultados, pois as correlações são positivas para umas condutas e para outras negativas. Melhor, se na delinquência global a correlação é positiva para os rapazes, para as raparigas é negativa.

Se nos remetermos para a análise de regressão observamos que a socialização com o grupo de pares explica 4.7% da variância da conduta de agressão e 4.2% da variância da conduta de roubo no grupo dos rapazes, com um Beta positivo. Ou seja, quanto maior a socialização com os pares maior será a agressão e roubo. No grupo das raparigas, observamos que esta variável explica 4.5% da variância da conduta contra as normas, também com um Beta positivo. Podemos então concluir que a nossa hipótese D1 é rejeitada pelos resultados obtidos.

Este resultado embora não fosse esperado encontra algum fundamento nas teorias da aprendizagem social. Segundo as quais o indivíduo em grupo é influenciado por processos de modelação ou imitação que reforçam selectivamente o seu comportamento (Akers *et al.*, 1979; Bandura & Walters, 1963; Elliot *et al.*, 1985).

A hipótese seguinte refere-se à associação a pares desviados e como esta se correlaciona com a delinquência. Os resultados são altamente elucidativos. A associação a pares desviados é a variável que obtém correlações mais significativas com todas as condutas

anti-sociais praticadas pelos rapazes (entre  $r=.44$  e  $r=.60$ ) e raparigas (entre  $r=.33$  e  $r=.61$ ). As correlações obtidas, para ambos os géneros, são todas positivas, o que significa que quanto maior a associação a pares desviados maior será a delinquência individual. Confirma-se assim a hipótese D2. Numerosas investigações atribuem à associação a pares desviados fortes correlações com a delinquência individual (e.g. Glueck & Glueck, 1950; Mirón, 1990; Morash, 1986; Warr, 1993), pelo que este resultado encontra forte apoio empírico.

A associação a pares desviados é também a variável que explica maior percentagem de variância em todas as condutas anti-sociais. Para os rapazes explica 34.9% da variância da conduta contra normas, 27% da conduta de vandalismo; 22.7% do consumo de drogas; 22.3% da agressão, e; 17.7% da conduta de roubo. Para as raparigas explica 35.7% da variância da conduta contra normas; 25.9% da agressão; 17.9% do vandalismo; 13.7% do consumo de drogas, e; 9.2% da variância da conduta de roubo.

A associação a pares desviados constitui-se, no nosso estudo, como a variável com maior poder preditivo da delinquência masculina e feminina. Confirmando-se a hipótese D3. Trata-se, portanto, do melhor preditor da delinquência (Agnew & Huguley, 1989; Mirón, 1990). Permitindo-nos corroborar a afirmação de Elliot *et al.* (1985) segundo os quais a delinquência é o resultado da associação a pares delinquentes. Embora nos pareça que a associação a pares delinquentes pareça estar precedida de um enfraquecimento da vinculação à ordem convencional (Linden & Fillmore, 1981).

#### 4.6. Discussão das Equações da Análise de Regressão Múltipla

Até aqui considerámos as variáveis das equações uma a uma, agora iremos considerar as variâncias totais das equações por conduta explicada, e procurar compreender a interação que essas variáveis estabelecem entre si na explicação das condutas anti-sociais.

No grupo dos rapazes, observamos que a associação a pares desviados explica a maior percentagem de variância em quase todas as condutas anti-sociais. No entanto, as condutas de agressão, de consumo de drogas e de roubo são explicadas por um conjunto de 3 variáveis cuja lógica na equação é preciso descortinar.

Assim, para a conduta de agressão, observamos que a associação a pares desviados, a satisfação nas relações com pares e a alienação ao pai explicam, no seu conjunto, 32% da sua variância. Sendo a associação a pares desviados a variável com maior peso explicativo (22.3% de variância explicada) na equação ( $Beta=.48$ ). Este resultado é conforme o esperado, ou seja, a agressão deriva essencialmente da associação a pares diferenciados que permitam a expressão dessa conduta. Daí que a 2ª variável com mais peso na equação seja a socialização pares ( $Beta=.38$ ), explicando 5.2% da variância da conduta de agressão. Permitindo-nos observar que esta conduta deriva de uma associação diferencial, indo a socialização com os pares ao encontro da satisfação de expectativas obtidas por essa associação selectiva. Contudo, a alienação ao pai parece condicionar essa associação a pares desviados, explicando 4.7% da variância da conduta de agressão.

A conduta de consumo de drogas parece ser mais determinada, nos rapazes, pela alienação à mãe (variável com maior peso na equação) e pelo apego à mãe, e a associação a pares desviados parece ser uma consequência deste facto, dado que é a variável com menor

peso na equação. Esta equação revela-nos, quanto à conduta de consumo de drogas dos rapazes, que existirá uma relação com a figura materna de carácter ambíguo ou até paradoxal. Uma vez que quer o isolamento à mãe quer a vinculação à mãe parecem relacionar-se positivamente com o consumo de drogas dos rapazes, assumindo-se como as variáveis de maior peso na explicação desta conduta. Do qual a associação a pares desviados parece ser apenas uma consequência. No entanto, no seu conjunto, a antinormatividade grupal, alienação e apego à mãe explicam 39% da variância da conduta de consumo de drogas.

Do mesmo modo que a conduta de agressão, a conduta de roubo parece ser precedida de um certo isolamento ao pai, o que leva os rapazes a associarem-se a pares desviados (variável com maior peso na equação – Beta=.44). O facto de ter entrado na equação a socialização com os pares significa que os rapazes gostam de ter amigos, mas a tender para o comportamento antinormativo. Assim, a conduta de roubo parece ser explicada por uma certa rejeição da autoridade do pai, caracterizada pelo isolamento, que leva à busca de outras formas de socialização, nomeadamente na associação a pares diferenciados donde se retira satisfação. Estas três variáveis, antinormatividade grupal, alienação pai e socialização pares, explicam 28% da variância da conduta de roubo.

No grupo das raparigas, apenas a conduta contra normas é explicada por um conjunto de 3 variáveis, as restantes condutas são explicadas apenas pela associação a pares desviados.

Procuremos então compreender a lógica da equação que explica a conduta contra normas no grupo das raparigas. A conduta contra normas é explicada, por ordem de importância, pela antinormatividade grupal, socialização pares e a dimensão confiança com o pai, no seu conjunto explicam 45% da variância desta conduta. A associação a pares desviados é a variável que melhor explica a conduta contra normas, no entanto parece estar

associada a condutas de imitação do grupo onde o mais importante é colocar em causa a ordem e normas estabelecidos pelo pai. Figura que impede a realização contra as normas estabelecidas. Pelo que este tipo de conduta tem expressão no grupo de pares seleccionado e constitui-se como um desafio à autoridade paterna.

A análise de regressão múltipla expõe-nos exactamente a importância de cada variável ou conjunto de variáveis na explicação das condutas anti-sociais. Dessa análise podemos concluir que os pressupostos da teoria do controlo social de Hirschi (1969) e da teoria da associação diferencial de Sutherland (1939) são, em geral, confirmados. Reforçando assim a importância dos contextos de socialização na explicação das condutas anti-sociais na adolescência.

## 5. CONCLUSÕES

Conforme informava a nossa revisão teórica a delinquência parece comprovadamente abranger todas as classes sociais, embora a sua incidência predomine, no grupo dos rapazes, na classe média, e no grupo das raparigas na classe média alta.

Em termos da relação idade – delinquência, parece haver um manifesto crescendo da prática de condutas anti-sociais dos 15 para os 18 anos. Situando-se aos 18 anos o maior número de práticas delinquentes. É nesta idade que, no grupo dos rapazes dispara o consumo de drogas, e se verifica o maior número de conduta contra normas. No grupo das raparigas a prática de condutas anti-sociais não parece ser expressiva, predominando a conduta contra normas nas idades analisadas.

Conforme esperado observa-se que os rapazes praticam significativamente mais condutas anti-sociais de todo o género que as raparigas. Esta característica diferencial pode dever-se à definição tradicional dos papéis sociais femininos e masculinos (Mirón, 1990).

Quanto à importância do apego aos pais na conduta desviada dos adolescentes observa-se que o apego à mãe é mais determinante para as raparigas, e o apego aos pais mais determinante para os rapazes. No entanto, a alienação aos pais é a variável do apego que obtém resultados mais consistentes com a delinquência dos adolescentes.

Em termos preditivos, a alienação ao pai parece ser importante para explicar as condutas de agressão e de roubo dos rapazes, e; a alienação e apego à mãe no consumo de drogas dos rapazes. Para as raparigas, a confiança com o pai parece ser importante para explicar as condutas contra as normas.

Contudo, a associação a pares desviados é a variável que obtém correlações mais significativas com a delinquência dos jovens e também aquela que explica maiores percentagens de variância em todas as condutas anti-sociais, quer para os rapazes quer para as raparigas. Pelo que esta variável deve ser sempre considerada quando se pretender estudar o fenómeno da delinquência na adolescência.

No entanto, a satisfação nas relações que o adolescente estabelece com os seus pares, embora não obtenha correlações significativas com a prática de condutas anti-sociais, parece desempenhar um papel considerável na explicação de determinadas condutas. Assim, no grupo dos rapazes prediz as condutas de agressão e de roubo, e para as raparigas apenas a conduta contra normas. Indicando que o prazer da relação com os pares vai ao encontro de uma associação diferencial aos mesmos.

Em suma, parece-nos que os resultados vão no sentido de confirmar que a vinculação à sociedade convencional, principalmente aos pais, desempenha um papel importante na diminuição das condutas anti-sociais, como o proposto pelas Teorias do Controlo Social. Igualmente a Teoria da Associação Diferencial parece desempenhar especial importância na explicação do comportamento desviante dos adolescentes, pois pressupõe que a conduta delinvente resulta de um processo de aprendizagem produzido no grupo de pares desviantes.

Por último, gostaríamos de apresentar algumas sugestões para trabalhos futuros. Em primeiro lugar, parece-nos que a escolha da amostra deva incluir idades inferiores aos 15 anos, pois permite-nos melhor analisar a evolução e distribuição da delinquência ao longo das idades. Em segundo, a amostra deveria abranger não só indivíduos de escolas do centro urbano, mas também da periferia e, mesmo, escolas problemáticas. Pensamos que assim as correlações entre as variáveis familiares e delinquência seriam mais fortes. Por último, a

inclusão de outras variáveis familiares (funcionamento familiar) poderiam enriquecer o estudo.

## BIBLIOGRAFIA

Agnew, R. & Huguley, S. (1989). Adolescent violence toward parents. *Journal of Marriage and the Family*, 51, 699-711.

Agnew, R. (1991). The interactive effects of peer variables on delinquency. *Criminology*, 29, 47-72.

Agnew, R. (1985). Social control theory and delinquency: A longitudinal test. *Criminology*, 23, 47-61.

Ainsworth, M. D. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Ainsworth, M. D. (1985). Patterns of attachment. *Clinical Psychologist*, 38 (2), 27-29.

Ainsworth, M. D. (1997). Infant development and mother-infant interaction among Ganda and American families. In P. Leidermen & S. Tulkin (Eds.), *Culture and Infancy: Variations on the human experience*. New York: Academic Press.

Akers, R. (1997). *Criminological Theories: Introduction and Evaluation*. 2<sup>a</sup> Ed. Los Angeles: Roxbury Publishing Company.

Akers, R., Khron, M., Lanza-Kaduce, L. & Radosevich, M. (1979). Social learning and deviant behavior: A specific test of a general theory. *American Sociological Review*, 44, 636-655.

Alexander, F. & Healy, W. (1935). *Roots of Crime*. New York: A.A. Knopf.

Alvira, M. F. & Canteras, A. (1986). *Delinquencia y Marginación Juvenil. Informe Juventud en España*. Barcelona: Instituto de la Juventud.

Austin, R. L. (1978). Race, father-absence, and female delinquency. *Criminology*, 15, 487-505.

Bandura, A. (1971). *Social Learning Theory*. New Jersey: Prentice-Hall

Bandura, A. & Walters, R. (1959). *Adolescent Aggression*. New York: Ronald Press.

Bandura, A. & Walters, R. (1963). *Social Learning and Personality Development*. New York: Holt Rinehart & Winston.

Barnes, G. M., Farrell, M. P. & Banerjee, S. (1994). Family influences on alcohol abuse and other problem behaviors among black and white adolescents in general population sample. *Journal of Research on Adolescence*, 4, 183-201.

Beavers, W. R. (1982). Healthy, midrange, and severely dysfunctional families. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes*. New York: Guilford.

Becker, H. S. (1962). Marihuana use and social control. In A. M. Rose (Ed.). *Human Behavior and Social Process. An Interactionist Approach*. London: Routledge and Kegan Paul.

Borduin, C., Pruirr, J. & Henggeler, S. (1986). Family interactions in black, lower,, class families with delinquent and nondelinquent adolescent boys. *Journal of Genetic Psychology*, 147, 333-343.

Bowlby, J. (1951). Maternal care and mental health. *Bulletin of the the World Health Organization*, 3, 355-533.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation*. Harmondsworth: Penguin Books.

Bowlby, J. (1991). Postscript. In Parkes, C., Stevenson-Hinde, J. & Marris, P. (Eds.), *Attachment across life cycle*. London: Routhledge.

Cloward, R. & Ohlin, L. (1960). *Delinquency and Opportunity*. Glencoe, IL: Free Press.

Cohen, A. K. (1955). *Delinquent Boys*. Glencoe, IL: Free Press.

Conger, R. D. (1976). Social control and social learning models of delinquent behavior: A synthesis. *Criminology*, 14, 17-40.

Davies, M. & Sinclair, I. (1971). Families, hostels and delinquents: an attempt to assess cause and effect. *The British Journal of Criminology*, 11, 213-229.

Dentler, R. A. & Monroe, L. J. (1961). Social correlates of early adolescent theft. *American Sociological Review*, 26, 733-743.

Denton, R. E. & Kampfe, C. M. (1994). The relationship between family variables and adolescent substance abuse: A literature review. *Adolescence*, 29 (114), 475-495.

Deutsch, L. J. & Erikson, M. T. (1989). Early life events as discriminators of socialized and undersocialized delinquents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 17, 541-551.

Dinges, M. & Oetting, E. (1993). Similarity in drug use patterns between adolescents and their friends. *Adolescence*, 28 (110), 253-266.

Downes, D. M. (1966). *The delinquent solution: A study in subcultural theory*. London: Collier-McMillan.

Elliot, D. S. (1962). Delinquency and perceived opportunity. *Sociological Inquiry*, 32, 216-227.

Elliot, D., Huizinga, D. & Ageton, S. (1985). *Explaining delinquency and drug use*. Beverly Hills, CA: Sage.

Ellis, G. J. (1986). Societal and parental predictors of parental-adolescent conflict. In G. K. Leigh & G. W. Peterson (Eds.), *Adolescents in families*. Cincinnati, OH: South-Western.

Emler, N., Reicher, S. & Ross, A. (1987). The social context of delinquent conduct. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Applied Disciplines*, 28, 99-111.

Empey, L. (1978). *American delinquency: Its meaning and construction*. Illinois: Dorsey.

Empey, L. & Erickson, M. (1966). Hidden delinquency and social status. *Social Forces*, 44, 546-554.

Erickson, M. (1971). The group context of delinquent behavior. *Social Problems*, 19, 114-129.

Fagan, J. & Wexler, S. (1987). Family origin of violent delinquents. *Criminology*, 25, 643-669.

Farrington, D. P. (1973). Self-reports of deviant behaviour: Predictive and stable?. *Journal of Criminal Law and Criminology*, 64, 99-110.

Farrington, D. P. (1978). The family backgrounds of aggressive youths. In L. A. Hersov & M. Berger (Eds.), *Aggression & Anti-Social Behaviour in Childhood & Adolescence*. London: Pergamon Press.

Farrington, D. P. (1987). Epidemiology. In C. Quay (Ed.). *Handbook of juvenile delinquency*. New York: Wiley.

Fischer, D. G. (1984). Family size and delinquency. *Perceptual and Motor Skills*, 58 (2), 345-362.

Flanagan, T. & Jamieson, K. (1988). *Sourcebook of criminal justice statistics – 1987*. Washington DC: U. S. Department of Justice.

Flanagan, T., Hindelang, M. & Gottfredson, M. (1980). *Sourcebook of criminal justice statistics – 1979*. Washington DC: U. S. Department of Justice.

Flannery, D., Huff, C. & Manos, M. (1998). Youth Gangs: A developmental perspective. In T. Gullota, G. Adams & R. Montemayor (Eds.). *Delinquent Violent Youth: Theory and interventions*. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.

Fleming, M. (1997). *Adolescência e Autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. 2ª Ed. Porto: Edições Afrontamento.

Fleming, M. (1997). Toxicodependência e «Família» Interna. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 16, 83-89.

Fréchette, M. & LeBlanc, M. (1987). *Délinquances et Délinquants*. Montréal: Gaëtan Morin Éditeur.

Garrido Genoves, V. (1987). *Delinquencia juvenil: origenes, prevencion y tratamiento*. Madrid: Ed. Alhambra.

Geismar, L. & Wood, K. (1986). *Delinquencia juvenil: origenes, prevencion y tratamiento*. Madrid: Ediciones Alhambra.

Giordano, P., Cernkkovich, S. & Pugh, M. (1986). Friendships and Delinquency. *American Journal of Sociology*, 91, 1170-1203.

- Glueck, S. & Glueck, E. (1950). *Unraveling juvenile delinquency*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gold, M. (1979). *Delinquent behavior in an American city*. Belmont, CA: Brooks/Cole.
- Gold, M. & Petronio, R. (1980). Delinquent behavior in adolescence. In J. Anderson (Ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*. New York: Wiley.
- Gold, M. & Reimer, D. (1974). *Changing patterns of delinquency behavior among americans 13 to 16 years old, 1967-1972*. In Report 1 of the National Survey of Youth, Institute for Social Research, University of Michigan.
- Goldstein, A. P. (1990). *Delinquents on delinquency*. Champaign, IL: Research Press.
- Goring, C. (1913). *The English Convict: A Statistical Study*. Patterson Smith Reprint, 1972. Montclair, NJ: Patterson Smith.
- Gove, W. R. & Crutchfield, R. D. (1982). The family and juvenile delinquency. *Sociological Quarterly*, 23, 301-319.
- Hagan, J., Gillis, A. R. & Simpson, J. (1990). Clarifying and extending power- control theory. *American Journal of Sociology*, 95, 1024-1037.
- Harlow, H. F., & Zimmerman, R. R. (1959). Affectional responses in the infant monkey. *Science*, 130, 421-431.

Hays, R. D. & Revetto, J. R. (1990). Peer cluster theory and adolescent drug use: A reanalysis. *Journal of Drug Education, 20*, 191-198

Hindelang, M. J. (1971). Age, sex and the versatility of delinquent involvements. *Social Problems, 18*, 522-535.

Hindelang, M., Hirschi, T. & Weiss, J. (1979). Correlates of delinquency: the illusion of discrepancy between self-report and official measures. *American Sociological Review, 44*, 995-1014.

Hindelang, M., Hirschi, T. & Weiss, J. (1981). *Measuring delinquency*. Beverly Hills, CA: Sage.

Hirschi, T. (1969). *Causes of Delinquency*. Berkeley: University of California Press.

Huff, C. R. (1996). The criminal behavior of gang members and nongang at-risk youth. In C. R. Huff (Ed.), *Gangs in America*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Hundleby, J. D. & Mercer, G. W. (1987). Family and friends as social environments and their relationship to young adolescents' use of alcohol, tobacco, and marijuana. *Journal of Marriage and the Family, 49*, 151-164.

Irwin, C. E. (1993). Adolescence and Risk Taking: how are they related?. In N. Bell & R. Bell (Eds.), *Adolescence Risk Taking*. Newbury Park: Sage Publications.

Jeffrey, R. & Jeffrey, I. (1967). Prevention through the family. In W. Amos & C. Wellford (Eds.), *Delinquency Prevention Theory and Practice*. New York: Prentice-Hall.

Jensen, G. F. (1972). Parents, peers, and delinquent action: A test of the differential association perspective. *American Journal of Sociology*, 78, 562-575.

Joe, K. A. & Chesney-Lind, M. (1995). Just every mother's angel: An analysis of gender and ethnic variations in youth gang membership. *Gender & Society*, 9, 408-430.

Johnstone, J. (1978). Juvenile delinquency and the family: a contextual interpretation. *Youth and Society*, 9 (3), 299-315.

Kandel, D. (1980). Drug and drinking behavior among youth. *Annual Review of Sociology*, 6, 235-285.

Kandel, D. & Andrews, K. (1987). Processes of adolescent socialization by parents and peers. *International Journal of the Addictions*, 22 (4), 319-342.

Kandel, D. & Davies, M. (1991). Friendship networks, intimacy, and illicit drug use in young adulthood: A comparison of two competing theories. *Criminology*, 29, 441-467.

Kaplan, H., Martin, S. & Robbins, C. (1982). Application of a general theory of deviant behavior: Self-derogation and adolescent drug use. *Journal of Health and Social Behavior*, 23, 274-294.

Klein, M. W. (1971). *Street gangs and street workers*. New York: Englewood Cliffs.

Kobak, R. (1985). *The transition to college: Attitudes towards attachment and social competence*. Tese de Doutoramento. University of Virginia.

Laub, J. H. & Sampson, R. J. (1988). Unraveling families and delinquency: A re-analysis of the Gluecks' data. *Criminology*, 26, 355-380.

Lerman, P. (1967). Gangs, networks and subcultural delinquency. *American Journal of Sociology*, 73, 63-82.

Linden, R. & Fillmore, C. (1981). A comparative study of delinquency involvement. *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, 18 (3), 343-362.

Linden, R. & Hackler, J. (1973). Affective ties and delinquency. *Pacific Sociological Review*, 16, 27-46.

López, J.; Martín, A. & Redondo, L. (1991). *O Consumo de drogas nos adolescentes: unha aproximación ás variables familiares e grupais*. Vigo: Xunta de Galicia.

Lorscke, B. R. (1991). Reply to Murray A. Strauss: Readings on discipline and deviance. *Social Problems*, 38, 162-165.

Machado, G., Soares, I. & Silva, C. (1996). Avaliação da representação da vinculação e da percepção da qualidade da relação actual pais-adolescente. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*, Vol. IV. Braga: APPORT.

Main, M. (1998). De l'attachement à la psychopathology. *Enfance*, 3, 335-351.

Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Water (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of Society for Research in Child Development*, 50.

McCord, J. A. (1983). Family relationships and crime. In S. H. Kadish (Ed.), *Encyclopedia of Crime And Justice*. New York: Free Press.

McCord, J. A. (1991). Family relationships, juvenile delinquency, and adult criminality. *Criminology*, 29, 397-417.

McCord, W., McCord, J. A. & Howard, A. (1963). Family interaction as antecedent to the direction of male aggressiveness. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 239-242.

McCord, W., McCord, J. & Zola, I. (1959). *Origins of crime*. New York: Columbia University Press.

Miller, W. B. (1958). Lower class culture as a generating milieu of gang delinquency. *Psychological Bulletin*, 103 (3), 324-344.

Moore, D. & Arthur, J. (1983). Delincuencia juvenil. In T. Ollendick & M. Herson (Eds.), *Manual de Psicopatología Infantil*. Madrid: Martínez Roca.

Mirón, L. (1990). *Familia, Grupo de Iguales y Empatía: hacia un modelo explicativo de la delincuencia juvenil*. Tesis Doctoral. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

Mirón, L. (1986). *Ambiente Familiar y Delincuencia Juvenil*. Tesis de Licenciatura. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela – Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación.

Morash, M. (1983). An explanation of juvenile delinquency: the integration of moral-reasoning theory and sociological knowledge. In W. Laufer & J. Day (Eds.), *Personality theory, moral development and criminal behavior*. Lexington: Lexington Books.

Morash, M. (1986). Gender, peer group experiences and seriousness of delinquency. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 23 (1), 43-68.

Norland, S., Shover, N., Thornton, W. & James, J. (1979). Intrafamily conflict and delinquency. *Pacific Sociological Review*, 22, 223-240.

Nye, F. (1958). *Family relationships and delinquent behaviour*. New York: John Wiley and Sons.

Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M. & Wilson, M. (1983). *Families: What makes them work*. Beverly Hills CA: Sage Publications.

Panella, D. H., Cooper, P. F. & Henggeler, S. W. (1982). Peers relations in adolescence. In S. W. Henggeler (Ed.), *Delinquency and Adolescent Psychopathology*. Bristol: John Wright.

Panella, D. & Henggeler, S. N. (1986). Peer interactions of conduct-disordered, anxious-withdrawn, and well-adjusted black adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 14 (1), 1-11.

Patterson, G. & Dishion, T. (1985). Contributions of families and peers to delinquency. *Criminology*, 23 (1), 63-79.

Patterson, G. & Stouthamer-Loeber, M. (1984). The correlation of family management practices and delinquency. *Child Development*, 55, 1299-1307.

Peterson, P. L., Hawkins, J. D., Abbott, R. D., & Catalano, R. F. (1994). Disentangling the effects of parental drinking, family management, and parental alcohol norms on current drinking by black and white adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 4, 203-227.

Quay, H. C.; Routh, D. K. & Shapiro, S. K. (1987). Psychopathology of Childhood. *Annual Review of Psychology*, 38, 491-532.

Rankin, J. H. (1983). The family context of delinquency. *Social Problems*, 30, 466-479.

Reckless, W. C. (1967). *The crime problem*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Reutter, L. (1984). Family health assesement. An integrated approach. *Journal of Advanced Nursing*, 9 (4), 391-401.

Robbins, L., West, P. & Herjanic, B. (1975). Arrests and delinquency in two generations: a study of black urban families and their children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 16, 125-140.

Rosenbaum, J. L. (1989). Family dysfunction and female delinquency. *Crime & Delinquency*, 35, 31-44.

Rutter, M. (1972). *The child, his family and the community*. New York: Wiley

Rutter, M. (1971). Parent-child separation: psychological effects on the children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 12, 233-260.

Rutter, M. & Giller, H. (1983). *Juvenile delinquency*. London: Penguin Books.

Serrano, G.; Godás, A. & Rodriguez, D. (1994). *Contextos de Socialización de los Adolescentes: influencia sobre el ajuste y la desviación social*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela – Departamento de Psicología Social y Básica.

Seydlitz, R. (1991). The effects of age and gender on parental control and delinquency. *Youth & Society*, 23, 175-201.

Seydlitz, R. (1993). Complexity in the relationships among direct and indirect parental controls and delinquency. *Youth & Society*, 24, 243-275.

Shaw, C. & McKay, H. (1931). Social factors in juvenile delinquency. *Report of the National Commission on Law Observance and Enforcement*. Washington DC: U. S. Government Printing Office.

Shaw, C. & McKay, H. (1969). *Juvenile Delinquency and Urban Areas*. Chicago: University of Chicago Press.

Simons, R. L., Robertson, J. F. & Downs, W. R. (1989). The nature of association between parental rejection and delinquent behavior. *Journal of Youth and Adolescence*, 18, 297-310.

Soares, I. (1992). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional mãe-filho(a)*. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Standfield, R. (1966). The interaction of family variables and gang variables in the aetiology of delinquency. *Social Problems*, 13, 411-417.

Steinberg, B. (1983). *The Clinical Psychiatry of Adolescence*. New York: John Wiley & Sons.

Sutherland, E. H. (1939). *Principles of criminology*. Filadelfia: J. B. Lippincott.

Sutherland, E. & Cressey, D. (1974). *Criminology*. Philadelphia: J. B. Lippincott.

Thompson, W., Mitchell, J. & Dodder, R. (1984). An empirical test of Hirschi control theory of delinquency. *Deviant Behavior*, 5 (1), 11-23.

- Thrasher, F. (1927). *The gang*. Chicago: University of Chicago Press.
- Trasler, G. (1979). Delinquency, recidivism and desistance. *British Journal of Criminology*, 24, 314-322.
- Valverde, J. M. (1988). *El Proceso de Inadaptación Social*. Madrid: Ed. Popular.
- Van Vechten, C. (1940). The tolerance Quotient as a device for defining certain social concepts. *American Journal of Sociology*, 46, 35-42.
- Warr, M. (1993). Parents, peers, and delinquency. *Social Forces*, 72, 247-264.
- Weiner, I. (1995). *Perturbações Psicológicas na Adolescência*. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wells, E. L. & Rankin, J. H. (1986). The broken homes model of delinquency: analitic issues. *Journal of Researsch in Crime and Delinquency*, 23 (1), 68-82).
- West, D. J. & Farrington, D. P. (1973). *Who becomes delinquent*. London: Heinemann Educational Books Ltd.
- West, D. J. (1986). *Delinquency: its roots, careers and prospects*. Hants: Gower.
- Wright, K. N. & Wright, K. D. (1994). *Family life, delinquency and crime: A policy maker's guide*. Washington, DC: U.S. Government Print Office.

ANEXOS

## DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

O questionário que te apresentamos pretende conhecer os interesses, problemas e comportamentos dos jovens. Por isso, a tua colaboração voluntária e sincera será uma grande ajuda.

Para que possas responder com a máxima sinceridade, garantimos o anonimato das tuas respostas. No entanto, é muito importante que respondas a todas as questões do questionário, tentando evitar, na medida do possível, resposta “não sei” ou duvidosas.

Sexo: Masculino  Feminino

Idade: \_\_\_\_\_

Ano que frequenta \_\_\_\_\_

Profissão dos Pais:

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

Estudos dos Pais \_\_\_\_\_

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO DAS CONDUTAS ANTI-SOCIAIS

As frases que se seguem referem-se a comportamentos que podem ser mais ou menos frequentes em Rapazes/Raparigas da tua idade. Por favor, lê atentamente cada uma delas e escolhe a alternativa que corresponde ao teu caso. Assim, se nunca realizaste nenhum comportamento a que se refere a frase deves marca “X” debaixo de NUNCA; se já a realizaste de 1 a 5 vezes deves marcar “X” debaixo de POUCAS VEZES; se a realizaste entre 6 a 10 vezes coloca “X” debaixo de BASTANTES VEZES; se o realizaste mais de 10 vezes coloca “X” debaixo de COM FREQUÊNCIA.

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	COM FREQUÊNCIA
1. Partir vidros de casas vazias.....				
2. Dar uma tarefa a outra pessoa numa briga.....				
3. Viajar sem bilhete ou pagar um preço inferior.....				
4. Beber álcool em bares antes dos 16 anos.....				
5. Tomar drogas leves (Haxixe, Marijuana, etc.) .....				
6. Pegar fogo a algo: cesto de papéis, mesa, carro.....				
7. Importunar, insultar ou empurrar um desconhecido na rua.....				
8. Roubar objectos do interior de um carro.....				
9. Conduzir bêbado.....				
10. Tomar anfetaminas.....				
11. Bater, amolgar ou riscar carros/motas estacionados.....				
12. Atacar um inimigo ou alguém de um grupo rival, num lugar público sem usar armas.....				
13. Entrar numa casa, apartamento, etc. e roubar coisas sem o ter planeado com antecedência.....				
14. Abrir as portas dos táxis nas estações.....				
15. Ter experimentado drogas.....				
16. Partir uma janela.....				

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	COM FREQUÊNCIA
17. Agredir outro e ser agredido.....				
18. Tirar objectos ou dinheiro das máquinas de bebidas ou cabines telefónicas.....				
19. Andar acompanhado com pessoas que habitualmente se metem em problemas.....				
20. Conseguir localizar facilmente o passador de droga.....				
21. Tirar ar dos pneus às viaturas.....				
22. Agir violentamente contra o professor.....				
23. Participar num roubo que implicasse uso de força física.....				
24. Embebedar-se ou vomitar por beber em demasia.....				
25. Tomar droga estando só.....				
26. Fazer estragos numa banca de mercado, pequenos comércios tendo roubado ou não.....				
27. Assustar ou ameaçar alguém com uma arma.....				
28. Entrar em casa alheia sem permissão.....				
29. Fumar tabaco antes dos 15 anos.....				
30. Tomar mais de uma droga ao mesmo tempo.....				
31. Sujar a rua deliberadamente, atirando lixo, partindo garrafas, etc. ....				
32. Dar um murro ou pontapé a outra pessoa.....				
33. Tirar algo da carteira ou do cacifo de alguém na escola, sem permissão.....				
34. Fugir de casa.....				
35. Tomar droga em grupo, com os amigos.....				
36. Fazer estragos em bares, discotecas, etc. ....				
37. Andar em bando a armar confusão, entrar em brigas ou provocar distúrbios.....				
38. Roubar coisas de grandes lojas, supermercados, etc. estando abertos.....				
39. Passar a noite fora de casa sem permissão.....				

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	COM FREQUÊNCIA
40. Ter sido hospitalizados por abuso de drogas.....				
41. Tapar as fechaduras de lugares públicos ou privados .....				
42. Planear entrar numa casa, apartamento, etc. para roubar coisas de valor e levar a cabo o plano.....				
43. Aceitar presentes sabendo ou suspeitando que são roubados... ..				
44. Tomar ácidos, LSD.....				
45. Destruir as instalações da tua escola (WC, mesas).....				
46. Snifar cola.....				
47. Fazer desenhos obscenos nas paredes ou portas da casa de banho da tua escola.....				
48. Andar com qualquer tipo de arma (navalha, cacete) porque pode ser necessário numa eventual briga.....				
49. Pegar na bicicleta de um desconhecido e guardá-la.....				
50. Convencer outro a fazer algo proibido.....				
51. Consumir heroína, morfina ou derivados.....				
52. Rasgar os toldos das esplanadas.....				
53. Usar qualquer tipo de arma numa brigas.....				
54. Roubar materiais a gente que está a trabalhar.....				
55. Receber por um trabalho ilegal.....				
56. Sentir necessidade de tomar droga.....				
57. Agredir um polícia que tenta deter outra pessoa.....				
58. Pegar em coisas dos bolsos da roupa nos balneários.....				
59. Ser expulso da escola.....				
60. Tomar drogas não receitadas pelo médico.....				
51. Mudar os trilhos dos combóios.....				
62. Ter um flash ou desmaio como consequência de tomar droga.....				
63. Pegar o carro ou moto de um desconhecido para dar uma volta.....				
64. Incitar a um distúrbio ou motim.....				
65. Furar os pneus ou andar em cima dos carros estacionados.....				
66. Consumir cocaína.....				

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	COM FREQUÊNCIA
67. Pegar coisar de lojas, estando abertas.....				
68. Agredir alguém com intenção de o matar.....				
69. Ter problemas de saúde por causa das drogas (desmaios, perda de memória, hepatite, etc.) .....				
70. Estragar o telefone das cabinas.....				
71. Perder amigos por consumir droga.....				
72. Roubar objectos propriedade da escola.....				
73. Perder o emprego ou ser expulso da escola por causa da droga.....				
74. Roubar coisas das janelas das casas.....				
75. Debater-se para escapar-se de um polícia.....				
76. Pedir ajuda a alguém por causa da droga.....				
77. Participar num roubo que implicou o uso de uma arma.....				
78. meter-se com os adultos.....				
79. Participar em actividades ilegais para consumir droga.....				
80. Dar um puxão na carteira de alguém com intuito de a roubar.....				
81. Ter sido detido por posse de droga.....				
82. Assaltar uma pessoa.....				

## QUESTIONÁRIO DE APEGO AOS PAIS

As perguntas que se seguem referem-se às tuas relações com os teus pais. Antes de responder debes ler atentamente as seguintes instruções:

Neste módulo debes responder a algumas perguntas acerca das tuas opiniões e sentimentos relativos à tua **MÃE**, ou à pessoa que a substitua. Para tal lê atentamente cada frase e **MARCA COM UMA CRUZ** a resposta que te pareça mais adequada. Recorda que debes responder de acordo com o modo como vês a tua mãe e não do modo como gostarias que fosse.

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
1. A minha mãe respeita os meus sentimentos.....					
2. A minha mãe é uma boa mãe.....					
3. Gostava de ter uma mãe diferente.....					
4. A minha mãe aceita-me tal como sou.....					
5. Agrada-me saber qual a opinião da minha mãe acerca dos meus assuntos.....					
6. Acho que não devia mostrar os meus sentimentos à minha mãe..					
7. Gosto que a minha mãe me pergunte se algo me preocupa.....					
8. Sinto-me envergonhado quando falo dos meus problemas com a minha mãe.....					
9. A minha mãe espera demasiado de mim.....					
10. A minha mãe apanha-me as mentiras facilmente.....					
11. Tenho muitas mais preocupações do que aquelas que a minha mãe crê.....					
12. Quando falamos de algo em casa a minha mãe tem em conta o meu ponto de vista.....					
13. A minha mãe confia na minha opinião.....					
14. A minha mãe tem os seus próprios problemas, como tal não devo preocupá-la com os meus.....					



As perguntas que se seguem referem-se ao teu PAI ou à pessoa que desempenhe o seu papel. O modo de responder é o mesmo que no caso da tua mãe. Recorda que deves responder pensando na relação que de facto tens com eles.

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
1. O meu pai respeita os meus sentimentos.....					
2. O meu pai é um bom pai.....					
3. Gostava de ter um pai diferente.....					
4. O meu pai aceita-me tal como sou.....					
5. Agrada-me saber qual a opinião do meu pai acerca dos meus assuntos.....					
6. Acho que não devia mostrar os meus sentimentos ao meu pai...					
7. Gosto que o meu pai me pergunte se algo me preocupa.....					
8. Sinto-me envergonhado quando falo dos meus problemas com o meu pai.....					
9. O meu pai espera demasiado de mim.....					
10. O meu pai apanha-me as mentiras facilmente.....					
11. Tenho muitas mais preocupações do que aquelas que o meu pai crê.....					
12. Quando falamos de algo em casa o meu pai tem em conta o meu ponto de vista.....					
13. O meu pai confia na minha opinião.....					
14. O meu pai tem os seus próprios problemas, como tal não devo preocupá-la com os meus.....					
15. O meu pai e ajuda-me a compreender-me melhor.....					
16. Conto ao meu pai os meus problemas e dificuldades.....					
17. Aborreço-me facilmente com o meu pai.....					
18. Não presto muita atenção ao meu pai.....					
19. Falar dos meus problemas com o meu pai faz-me sentir melhor.....					
20. O meu pai compreende-me.....					

21. Quando estou aborrecido com alguma coisa o meu pai procura entender-me.....
22. Confio no meu pai.....
23. O meu pai não percebe que eu tenho maus momentos.....
24. Posso contar com o meu pai, quando quero comprar algo que não posso com o meu dinheiro.....
25. Se o meu pai sabe que algo me preocupa, pergunta-me o que é.....

	NUNCA	POUCAS VEZES	BASTANTES VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
21. Quando estou aborrecido com alguma coisa o meu pai procura entender-me.....					
22. Confio no meu pai.....					
23. O meu pai não percebe que eu tenho maus momentos.....					
24. Posso contar com o meu pai, quando quero comprar algo que não posso com o meu dinheiro.....					
25. Se o meu pai sabe que algo me preocupa, pergunta-me o que é.....					

## QUESTIONÁRIO DE SOCIALIZAÇÃO PARES

Agora as perguntas referem-se às tuas relações com os teus **AMIGOS/AS** mais próximos. Responde do mesmo modo que fizeste para os teus pais, marcando com uma cruz a resposta mais adequada às tuas opiniões e sentimentos.

1. É-te fácil fazer amigos?

Nada  ; Pouco  ; Regular  ; Bastante  ; Muito

2. Gostas de fazer novas amizades?

Nada  ; Pouco  ; Regular  ; Bastante  ; Muito

3. Quantos amigos dirias que tens?

Nenhum  ; Poucos  ; Alguns  ; Bastantes  ; Muitos

4. Quanto tempo passas com os teus amigos?

Nenhum  ; Pouco  ; Algum  ; Bastante  ; Muito

5. Como é a relação que tens com os teus amigos?

Muito má  ; Má  ; Regular  ; Boa  ; Muito boa

6. Que confiança tens com os teus amigos?

Nenhuma  ; Pouca  ; Regular  ; Bastante  ; Muita

7. Os teus amigos ajudam-te quando tens dificuldades?

Nunca  ; Poucas vezes  ; Às vezes  ; Quase sempre  ; Sempre

8. Achas que os teus amigos te respeitam e te consideram importante?

Nunca  ; Poucas vezes  ; Às vezes  ; Quase sempre  ; Sempre

9. Agradam-te os amigos que tens?

Nada  ; Pouco  ; Regular  ; Bastante  ; Muito

### QUESTIONÁRIO DA ANTINORMATIVIDADE GRUPAL

Assinala com um “X” na casa correspondente a cada uma das perguntas que a seguir te fazemos.

	NENHUM	ALGUNS	MUITOS	TODOS
1. Quantos dos teus amigos fumam? .....				
2. Quantos dos teus amigos tomam álcool habitualmente? .....				
3. Quantos dos teus amigos danificaram ou destruíram alguma coisa em lugares públicos ou privados? .....				
4. Quantos dos teus amigos ameaçaram ou atacaram outras pessoas? .....				
5. Quantos dos teus amigos já realizaram algum roubo? .....				
6. Quantos dos teus amigos têm habitualmente conflitos com os seus pais e professores? .....				
7. Quantos dos teus amigos consomem drogas ilegais? .....				

## ESCALA DE WARNER PARA AVALIAÇÃO DO ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO

### PROFISSÕES DA CLASSE ALTA

1 – Alta administração do Estado (Chefia Ministerial, deputados, membros da Câmara Corporativa, juízes e magistrados, directores gerais, etc.);

Direcção e pessoal superior dos quadros da Administração Pública (Directores, inspectores e chefes de serviço do Estado, dos corpos administrativos e dos organismos corporativos e de coordenação económica, etc.);

Direcção Administrativa de Empresas Privadas (Administradores, directores, inspectores gerais, gerentes e chefes de serviço, etc.);

Direcção Técnica de Empresas Privadas (Técnicos diplomados responsáveis, engenheiros, agentes técnicos, preparadores de serviço, etc.);

Entidades exercendo uma profissão liberal, técnicos e equiparados (Catedráticos, doutores, licenciados com alta posição, advogados com cartório, médicos com clínica própria, arquitectos com estúdio próprio, etc.);

Proprietários de grandes explorações agrícolas. Industriais com empresas de grande dimensão.

Directores e grandes artistas das Artes (Teatro, cinema, bailado, música, etc.). Escritores e poetas de renome nacional comprovado. Escultores e decoradores de reconhecida categoria, pintores de arte oficialmente galardoados;

Altas personalidades do Clero secular católico.

Diplomatas e cónsules do Corpo Diplomático acreditado em Portugal.

### PROFISSÕES DA CLASSE MÉDIA-ALTA

Licenciados com posição média (Assistentes Universitários, professores do ensino secundário, químicos contratados, engenheiros agrónomos e silvicultores, médicos veterinários, notários, etc.);

Pessoal dos quadros da Administração Pública, de média categoria (Chefes de repartição, chefes de secção, funcionários públicos de carreira com posição destacada, etc.);

Pessoal dos quadros administrativos e técnicos das Empresas Privadas, sem funções directivas mas com posição destacada, Bancos, Seguros, Comércio e Indústria (contabilidade, chefes de escritório, oficiais administrativos, tesoureiros, etc.);

Proprietários de pequenas indústrias.

Proprietários de explorações agrícolas de pequena e média dimensão, explorando-as por intermédio de trabalhadores.

Jornalistas, intérpretes e guias acreditados pelas entidades oficiais, técnicos de teatro, cinema, rádio e televisão. Artistas de 2º plano.  
Religiosos regulares católicos.

Professores de instrução primária.

Profissões de carácter intelectual.

Pessoal superior das equipagens de barcos e aeronaves (Comandantes, pilotos, comissários de bordo, hospedeiras, etc.).

Modelos e manequins de alta costura.

#### PROFISSÕES DA CLASSE MÉDIA

Proprietários de indústrias domésticas. Proprietários de pensões e restaurantes.

Comerciantes e vendedores da pequena indústria.

Proprietários de institutos de beleza ou cabeleireiros, de alfaiatarias, etc.

Empregados de escritório. Empregados de comércio e indústria.

Angariadores e agentes comerciais. Caixeiros viajantes e compradores por conta de outrém.

Capatazes e contramestres. Verificadores e controladores de trabalho.

Proprietários ou agricultores que trabalham eles próprios as suas terras.

Regentes agrícolas.

Capitães e mestres de embarcações. Radiotelegrafistas, etc.

Procuradores e solicitadores.

Despachantes de mercadorias.

Empreiteiros de obras e serviços.

#### PROFISSÕES DA CLASSE MÉDIA-BAIXA

Operários e trabalhadores qualificados, especializados (pintores, electricistas, mecânicos oficiais, torneiros, maquinistas, cinzeladores, compositores musicais, litógrafos, metalúrgicos, ourives de ouro e prata, relojoeiros, tecelões, merceneiros, corticeiros, entalhadores, esmaltadores, etc.).

Operários e trabalhadores qualificados, semi-especializados (motoristas, empregados de café, barbeiros, pescadores, caçadores e silvicultores, mineiros, operários de pedreiras e equiparados, etc.).

Agentes de cais. Carteiros e boletineiros.

Arrendatários, rendeiros e parceiros de pequenas explorações.

Comerciantes de íntima categoria (quiosques, vendas, etc.).

Damas de companhia, perceptores e governantas.

Sacristães, cineiros, e ajudantes de culto.

Feitores e administradores agrícolas.

Criadores e tratadores de gado.

#### PROFISSÕES DA CLASSE BAIXA

Trabalhadores não especializados (jornaleiros, ceifeiros, varredores, serventes, ajudantes de motorista, etc.).

Serviços domésticos.

Contínuos, paquetes. Guardas nocturnos. Porteiros.

Caixeiros de praça. Caixeiros de balcão de baixa categoria.

Magarefes. Costureiras e aprendizes.

Vendedores ambulantes. Engraxadores.

Carcereiros.

Coveiros.

Pessoa com profissão mal definida.

#### INSTRUÇÃO DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO.

1 – Universitária, Escolas Superiores Especiais.

2 – Curso Superior do Comércio, Instituto Industrial. Magistério Primário. Curso Liceal (7<sup>a</sup>ano).

3 – Curso Comercial, Curso Industrial, Escolas Profissionais. Curso Liceal (5<sup>a</sup>ano).

4 – Instrução Primária completa.

5 – Instrução Primária incompleta ou nula.